



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ARTES

MARIA JOSÉ GOMES DA SILVA

**O ALFORJE DE HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA E
PEDAGÓGICA NO MUNICÍPIO DE CAMOCIM**

FORTALEZA

2021

MARIA JOSÉ GOMES DA SILVA

O ALFORJE DE HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA E
PEDAGÓGICA NO MUNICÍPIO DE CAMOCIM

Proposta Pedagógica apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Música.

Orientador: Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S581a Silva, Maria José Gomes da.
O Alforje de Histórias: Uma Experiência Artística e Pedagógica no Município de Camocim / Maria José Gomes da Silva. – 2021.
69 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto.
1. Contação de Histórias. 2. Alforje de Histórias. 3. Proposta Pedagógica. 4. Experiência Artística. I. Título.

CDD 700

MARIA JOSÉ GOMES DA SILVA

O ALFORJE DE HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA E
PEDAGÓGICA NO MUNICÍPIO DE CAMOCIM

Proposta Pedagógica apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes. Área de concentração: Música.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus* Sobral

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Gilson Soares Cordeiro
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *Campus*
Camocim

À Deus pelo dom da vida.

À minha mãe Francisca Gomes da Silva (*In Memoriam*), por seu grande amor. Aos meus filhos Keylara e Pedro Jorge pela paciência e por fazerem parte desse grande desafio comigo. Gratidão à minha irmã pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pois Ele é o centro e o fundamento de tudo em minha vida, por renovar minhas forças a cada dia e a disposição para prosseguir diante da luta e pelo discernimento concedido ao longo dessa jornada. Por todos os momentos felizes e tristes que ele me concedeu.

Aos meus familiares, em especial ao meu pai, por tantas vezes ter demonstrado carinho e pelo apoio constante durante todas as etapas da minha vida, sempre me incentivando e por me fazer acreditar e a minha mãe (In memória).

Ao Orientador Prof. Dr. João Emanuel Ancelmo Benvenuto que me possibilitou a visão de educação crítica em busca de melhores meios de se aprender e ensinar, fazendo-me observar os problemas encontrados na aprendizagem, fazendo dessa forma, serem merecedores de atenção.

A CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Aos professores participantes da banca examinadora Profa. Dra. Luciane Goldberg e Prof. Dr. Gilson Cordeiro pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos professores entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me diz que somos feitos de histórias.”

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Este trabalho com o tema: *O Alforje de Histórias: uma experiência artística e pedagógica em Camocim*, foi desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental Idelzuite Tavares Carneiro na cidade de Camocim-Ceará, entre outras experiências afins. A proposta do Alforje de histórias tem como foco o trabalho com os atores envolvidos no processo ensino aprendizagem e, surgiu a partir de vivências com contação de histórias com pequenos grupos de professores, jovens e crianças de outras instituições escolares e espaços não escolares a partir das narrativas tradicionais, buscando também o compartilhamento de técnicas com histórias da cultura local. Tudo começa com Era Uma Vez, uma historieta de vida narrada poeticamente. O trabalho tem como objetivo geral a elaboração de uma Proposta Pedagógica, através da implementação de um guia de dinamização do Alforje de Histórias, que tem um caráter metodológico, construído a partir de uma trilha interativa de literatura e formação de leitores literários. Para fundamentar, apresentamos como referencial teórico os documentos norteadores do currículo, o Documento Curricular Referencial do Ceará, juntamente com a Base Nacional Comum Curricular e autores como Regina Machado (2004, 2015) e José Morais (1996) que dão base para a sustentação do Alforje, como uma arte de contar histórias. Portanto, essa experiência artística e pedagógica se mostra relevante, alcançando as dimensões do conhecimento e se consolidando numa ação formadora de prática artística no município de Camocim- Ceará.

Palavras-chave: Alforje de Histórias. Experiência Artística. Contação de Histórias. Proposta Pedagógica.

ABSTRACT

This paper with the theme: The Alforje de Histórias: an artistic and pedagogical experience in Camocim, was developed at the Idelzuite Tavares Carneiro Elementary School in the city of Camocim-Ceará, among other similar experiences. The Alforje de Histórias proposal focuses on working with the people involved in the teaching-learning process, and emerged from experiences with storytelling with small groups of teachers, young people and children from other school institutions and non-school spaces from the traditional narratives, also seeking to share techniques with stories of local culture. It all starts with Era Uma Vez, a poet's narrated life story. The work has as general objective the elaboration of a Pedagogical Proposal, through the implementation of a guide for dynamizing the Alforje de Histórias, which has a methodological character, built from an interactive trail of literature and training of literary readers. To substantiate, we present as a theoretical reference the guiding documents of the curriculum, the Ceará Referential Curricular Document, together with the National Common Curricular Base and authors such as Regina Machado (2004, 2015) and José Morais (1996) that provide the basis for the Saddlebag, with an art of storytelling. Therefore, this artistic and pedagogical experience is relevant, reaching the dimensions of knowledge and consolidating itself in an action that forms artistic practice in the municipality of Camocim-Ceará.

Keywords: Saddlebag of stories. Artistic experience. Storytelling. Pedagogical proposal.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01- Alforje na EEF Idelzuite Tavares Carneiro.....	22
Imagem 02- Alforje de EEF Idelzuite Tavares Carneiro.....	22
Imagem 03- Alforje de Histórias na Escola São Sebastião. Zona rural Distrito de Amarelas	31
Imagem 04- Alforje de Histórias na entrega dos Kits escolares da Rede Pública	36
Imagem 05- Ambiência para o Alforje e Formação sobre o Alforje no IFCE- Camocim	38
Imagem 06- Alforje/Interações com os estudantes do Ensino Médio	39
Imagem 07- Alforje de Histórias no Centro de Convivência do Idoso (CCI) ...	40
Imagem 08- Formação sobre o Alforje de histórias para os monitores do Programa MAIS INFÂNCIA.....	42
Imagem 09- Alforje na Feirinha do Mar no Balaústre da cidade de Camocim-CE...	43
Imagem 10- Alforje de Histórias na Praça da Matriz de Barroquinha-CE	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA VAI COMEÇAR	12
1.1	Era uma vez	12
2	O UNIVERSO SINGULAR E PLURAL DO ALFORJE	17
3	O EIXO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR: ÀS INFLUÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ACUMULADAS ATRAVÉS DO PAIC	24
3.1	Os Campos de Experiências	30
3.2	Um Olhar para a Intervenção	32
3.3	As Vivências na Contação de Histórias.....	35
4	UM LIVRO, UMA TRILHA E UM ALFORJE DE HISTÓRIAS PARA CONTAR: APRESENTANDO UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	45
4.1	Ambiência Literária.....	46
4.2	Interações.....	49
4.3	Ampliação dos Campos de Experiência.....	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO: A HISTÓRIA VAI COMEÇAR

1.1 Era uma vez...

Tudo começou a partir de três palavras mágicas, às quais entraram na minha vida carregadas de recordações e significados: "Era uma vez...".

Há muitos anos atrás, quando eu ainda era apenas um bebê, não fazia a menor ideia do que estava para acontecer. Minha mãe, minha flor, meu bem querer, me embalava em seus braços, não apenas com cantigas de ninar, pois a cada choro era um pedido, de uma nova história a me contar. Ela sempre me dizia que eram improvisadas, algumas cheias de aventuras e outras não muito animadas, que tinha aprendido com seus pais e os pais dos seus pais. E, com elas fui crescendo, aprendi a gostar de ouvir e apreciar, sentada numa esteira de palha, colocada no chão, ou junto dela, balançando numa rede de tucum, onde ficava embebida até a chegada do sono, era hora de dormir.

Mamãe sempre me dizia: "Minha filha, vou lhe contar uma história, preste bastante atenção!" Até na hora da bronca, imagine a narração! Quando eu chegava da escola, ia direto lhe falar, tudo o que tinha acontecido, alguns fatos deixava pra lá. Logo, sempre tinha alguém que vinha fuxicar. Sendo uma mulher muito sábia, vinha a perguntar, o que aconteceu, minha filha, que você não quis me contar? Nesse momento, eu falava tudinho, sem nada abreviar, ela ouvia com atenção, segurava minha mão, criava uma história que me servia de lição. O tempo passou, sempre com ela, fui descobrindo o sentido das palavras, e como elas me fizeram crescer intelectualmente e desenvolver valores morais, éticos, políticos e estéticos, essenciais para a atividade humana. Eis aqui minha primeira descoberta, que mamãe era uma grande operária, na arte de contar histórias, era extraordinária.

Quando comecei a lecionar, ainda na adolescência, minha fada mãezinha me dava aulas de como seria a regência de sala, mesmo sem nunca ter passado por uma. Da sala de aula pra vida, muitas foram as vivências, com a arte de contar, tive muitas experiências. As crianças me observavam, viajavam comigo no mundo da imaginação e, muitos professores achavam que era tudo enrolação. Eu, tinha certeza que meus pupilos gostavam e se enchiam de emoção. Nós conversávamos

sobre contos de fadas, seres fantásticos, histórias reais ou não, na grande roda, formada na sala de aula, tudo era permitido, as crianças ficavam na maior animação.

Me emocionava sempre, quando as crianças me pediam para contar o clássico, A Formiguinha e a Neve, adaptação do escritor Braguinha e, também, quando a estória preferida era solicitada por elas, A Árvore Generosa, de Shel Silverstein. Clássicos mais que perfeitos para serem contados e causarem além do encantamento a reflexão e possibilidades de mudança no modo de ser de cada sujeito envolvido. Entretanto, era preciso, sempre criar um repertório literário novo, para chamar atenção dos pequenos e, principalmente, dos maiores. Ler, me apropriar da narrativa, ensaiar, criar vozes, ritmo, entonação, pensar nos gestos, livro na mão ou não, preparar um espaço que se adequasse ao contexto. Precisava de um planejamento, esse ritual era necessário para despertar o gosto e a magia que a literatura propaga, naquele que se deixa envolver.

O tempo passou, e cada vez eu ia ficando mais contaminada com a arte da contação. O contágio ia tomando conta das crianças na escola onde trabalhava. Meus colegas me diziam que eu levava jeito com elas. Eu pensava diferente, as crianças que me levaram e me transformaram, juntamente com os livros. Todo aquele acumulado de palavras e imagens, me fizeram descobrir a menina que nunca cresceu, que não esqueceu de como era bom ouvir as histórias de sua amada mãe.

Como professora me transformei, nos últimos anos, numa contadora de histórias para crianças, jovens e adultos de todas as idades. A partir de 2015, comecei a atuar como formadora de professores da rede pública municipal de ensino em Camocim, na área de linguagens. Sendo responsável pelo eixo de literatura e formação do leitor do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC). Desde então, passei a ministrar palestras e oficinas de contação de histórias para professores da rede pública municipal de ensino da cidade de Camocim, lugar onde nasci e sempre morei.

A arte da contação de histórias é uma arte milenar que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa que aprecie narrativas e que queira envolver-se com elas. Faz parte da tradição cultural e são passadas de geração em geração desde o início da humanidade, num movimento de criação e recriação.

Contar uma história é diferente de ler uma história e, na escola, há

espaço para as duas práticas. O contador recria o conto junto com seu auditório. Ele conserva algumas partes do texto, mas modifica-o, de acordo com a interação que estabelece com o público. Já o leitor de histórias empresta sua voz ao texto, respeitando a estrutura linguística da narrativa, bem como as escolhas lexicais do autor.

O Alforje de Histórias é praticado nos mais variados estilos e em diferentes lugares. Na escola o seu papel é fundamental, pois tende a despertar o interesse dos estudantes e estimular o desejo pela leitura de livros literários. Uma história é capaz de emocionar e de surpreender o ouvinte pela forma como é contada. Sabe-se que as crianças podem vivenciar na instituição escolar muitas experiências pedagógicas. Nesse sentido, o alforje de histórias é uma dessas experiências que tem como foco contribuir para a permanência do gosto pela literatura para além da infância. Daí a importância de propiciar à criança oportunidades de ouvir muitas histórias, que podem ser lidas ou contadas de memória.

Foi em louvor a esta arte que esse trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida em torno do projeto “Alforje de histórias: uma experiência artística e pedagógica no município de Camocim”, por ocasião da oportunidade que me foi dada ao iniciar no Programa do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES), na linha de pesquisa de “Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes”.

Ao refletir sobre a minha prática inserida num tempo e espaço do ensino de artes e de literatura na escola de Educação Básica em Camocim, minha terra natal, revisei uma relação bastante diferenciada com o conhecimento sistemático de estímulo à prática da leitura e da escrita no meu contexto escolar a partir da estratégia de contação de histórias, pautada em processos criativos, reorganizando o pensar e a utilização dessa arte, não somente enquanto recurso didático, mas fortalecendo enquanto linguagem artística na produção de novos saberes.

Fui apresentada ao conto, “A madrugada”, que na verdade trata-se da apresentação de outro conto, “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, que Jorge Amado escreveu uma história para apresentar outra. O autor nos conta que a Manhã, apaixonou-se pelo Vento porque ele lhe conta histórias. O vento, segundo o autor, é um “bisbilhoteiro e audacioso, rei dos andarilhos, rompendo fronteiras,

invadindo espaços, vasculhando esconderijos, o Vento carrega um alforje de histórias para quem queira ouvir e aprender” (2011, p. 19). Com inspiração no narrador apresentado por Jorge Amado, o alforje de histórias é uma proposta sistematizada para o favorecimento da linguagem como processo de interação social, por meio de uma ancoragem afetiva no universo literário e artístico. Pensado no Eixo de Literatura e Formação do Leitor do programa MAIS PAIC¹, para as séries iniciais do Ensino Fundamental, o Alforje de Histórias faz parte de uma proposta política institucional da Secretaria de Educação do Estado do Ceará que se materializa através dos esforços do eixo anteriormente mencionado.

Ao tomar conhecimento da proposta do Alforje, fui contaminada inicialmente pelo conto “A madrugada”, de Jorge Amado, em seguida, pelo poder de transformação que ele estaria naquele momento me proporcionando. Por isso, escolhi o termo “**Alforje**”² para ser âncora nesta pesquisa, poderia ter sido mala de histórias, bolsa mágica, algo do tipo mais comum e singular. Entretanto, a palavra Alforje vem carregada de significados, a gente pode levar pra qualquer lugar, tem um propósito comunicativo, precisa se manter no cotidiano da comunicação e linguagem pelo valor e significado que ela representa. E, como a mediação de leitura literária, por meio do Alforje poderia contribuir para os demais professores da escola na qual leciono e, principalmente, na vida dos estudantes. A ideia tomou conta de mim a tal ponto, que ampliei a proposta para as séries finais do Ensino Fundamental, passando também a experimentá-lo em outros espaços não-convencionais e com outros públicos envolvidos.

Surgem daí algumas questões para refletirmos: Como mediar uma leitura que promova interesse ao universo literário? Quais são os caminhos para uma experiência literária e de formação humana, cujo leitor reconheça o seu lugar de protagonista? Como criar caminhos para que, através do Alforje de Histórias, a leitura chegue de maneira prazerosa e revolucionária às nossas crianças e jovens?

¹ O Eixo de Literatura Infantil e Formação do leitor o *Programa Alfabetização na Idade Certa* tem como meta, desenvolver uma política de formação de leitores (alunos e professores) e democratizar o acesso ao livro e à leitura.

² **Alforje** ou **alforge** é um tipo de bolsa, usualmente presa a uma sela e usada para transporte de objetos em animais de montaria, como cavalos, mulas e asnos. Atualmente, esse acessório tem sido cada vez mais utilizado em bicicletas ou motocicletas, usualmente presos ao assento, com o mesmo objetivo.

A proposta do Alforje de Histórias apontado nesta pesquisa, coloca em evidência a arte de contar histórias, tendo como intuito provocar o encantamento e sensibilização do sujeito-aprendiz, explorando as linguagens da literatura e das artes numa perspectiva criativa. Somente depois, resolvi oportunizar um diálogo com a prática pedagógica dos meus colegas docentes, tarefa um pouco mais difícil, pois seria uma nova aprendizagem, além da quebra de alguns paradigmas.

Portanto, a pesquisa teve como objetivo geral, elaborar uma Proposta Pedagógica, através da implementação de um guia de dinamização do Alforje de Histórias, contemplando, preferencialmente, um acervo com obras de escritores locais. Além disso, os objetivos específicos deste trabalho visam: a) Desenvolver técnicas, através de uma trilha pedagógica; b) Estimular à realização de experiências artísticas e culturais com o Alforje de Histórias, para a garantia da integralidade do desenvolvimento do estudantes nos aspectos afetivo, social e intelectual e psicomotor.

Por fim, apresenta-se a estrutura de organização do trabalho: temos no Capítulo 1 “O Universo Singular e Plural do Alforje” que descrevem às origens na proposta do Alforje enquanto ferramenta pedagógica na contação de histórias; o Capítulo 2, apresenta o referencial teórico do trabalho, a partir do “Eixo de Literatura e Formação do Leitor: as Influências acumuladas através do PAIC”. Na sequência, o Capítulo 3 “Um Livro, uma Trilha e um Alforje de Histórias para Contar: Apresentando uma Proposta Pedagógica”, é o produto final, que enuncia a abordagem metodológica de uma proposta pedagógica em si de uma trilha para o Alforje de Histórias.

2 O UNIVERSO SINGULAR E PLURAL DO ALFORJE

Na proposta do Alforje de Histórias, os ouvintes se deparam com o xadrez de um texto. Diante desse tecido metafórico, o leitor entra em seus espaços vazios, nos interstícios, nas entrelinhas que intercalam seus fios, reinventando a forma, acrescentando, mudando, inventando outra padronagem, tecendo outro tecido de forma singular.

Todo professor pode se tornar um contador de histórias. No início, basta que ele leia diferentes tipos de histórias para os alunos. Aos poucos, ele vai se apropriando das narrativas e despertando a contação das histórias de que mais gosta. Cada contador, usando suas habilidades, encontra a sua forma de contar histórias – e começa a dar vida a elas. Algumas sugestões são importantes para quem deseja se aventurar pela arte de contar histórias: é recomendável uma leitura prévia minuciosa do conto, buscando apreender o seu sentido mais profundo, ou seja, buscando compreender a sua essência. É interessante, também, que se faça uma divisão do conto em cenas ou partes principais e que se identifique a estrutura da narrativa. Por fim, é bom conhecer bem os personagens e as situações que eles vivenciam na sequência narrativa.

Sendo assim, o professor que desejar trabalhar com esta técnica deve estar pronto para enfrentar diversas situações, adaptando-se às ocorrências tidas durante a contação, haja vista que os educandos podem ficar agitados, indagando em momentos impróprios. Mas o educador não deverá desistir, pois este momento, só vem a confirmar o que Benjamin (1994) afirma sobre o fato de que a arte de contar histórias se perdeu porque as pessoas perderam o dom de ouvir.

Regina Machado, contadora de histórias, professora e pesquisadora da arte de narrar, compartilha da expressão oriunda de um conto das tradições orais: “E se fosse possível voar nas costas de um pássaro?” Para a autora, “as infinitas combinações de imagens que compõem os trajetos desses contos, com suas exuberantes roupagens de adjetivos, vão se movendo à vontade no universo de possibilidades do mundo da imaginação criadora, instigando o espírito de quem lê na direção do que pode ser (MACHADO, 2004, p. 75).

Assim, o trabalho com as narrativas orais faz com que os alunos se

interessem mais pelas aulas, gerando efeitos no plano afetivo, cognitivo e linguístico, pois aprenderá o momento da fala e da escuta, refletirá e saberá se posicionar. O silêncio que a modernidade lhe impôs motivado pela tecnologia e pela falta de vocabulário e argumentos, talvez, não mais existirá. Deste modo, se dará a aprendizagem. Segundo Moraes (1996, p. 171), afirma que:

Mais importante, ainda talvez, pela própria estrutura da história contada, pelas questões e comentários que ela sugere, pelos resumos que provoca, ela ensina a compreender melhor os fatos e os atos, a melhor organizar e reter a informação, a melhor elaborar roteiros e os esquemas mentais.

Portanto, fica transparente a importância do contador de histórias, que neste caso é o professor, que mediará a narrativa para com seus alunos. A seleção delas deverá ser feita a partir de um diagnóstico inicial, motivado pela iniciação com textos de tradição oral. É possível que ao escutarem algumas dessas histórias, as crianças e os jovens possam reconhecer a herança social simbólica comum que configura a realidade em uma dada sociedade ou grupo social, percebendo a presença das diversidades, passando a respeitá-las, bem como o seu lugar no mundo. Assim, torna-se interessante que os professores identifiquem e utilizem esta estratégia metodológica, tornando o Alforje de Histórias, como um recurso de fundamental importância para a formação dos alunos, para a construção do conhecimento, ofertando possibilidades de usufruir de uma aula mais interessante, visando crescimento cognitivo, sociocultural e artístico na busca de um aprendizado mais elaborado.

A prática de narrar histórias é uma das tantas formas empregadas pelo professor em seu trabalho com a leitura em sala de aula. É muito comum essa atividade na Educação Infantil, onde os alunos ainda não dominam a tecnologia da escrita, apenas são capazes de ler a linguagem oral, imagens, gestos e o que está em seu entorno. Porém, no decorrer da escolarização posterior, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental, essa prática raramente ocorre em sala de aula e, muitas vezes, deixa a desejar, principalmente, pela falta de conhecimento e planejamento do professor-mediador. O que se verifica é o domínio da leitura de textos escritos sobre as demais práticas, dentre estas a de contar histórias.

No entanto, ainda sentimos a ausência do trabalho com a habilidade da escuta. “Conforme o autor: Não se encontra em nossos currículos escolares uma disciplina que trabalhe e ensine o aprendizado da escuta, pois é possível aprender de ouvido como profere Larrosa” (2004, p.15).

O material busca atender diferentes faixas etárias do Ensino Fundamental. A ideia tem como intuito servir de referência enquanto material pedagógico, artístico e literário aos professores da rede pública municipal que desejarem ser mediadores de leitura artística e literária com a metodologia do Alforje de Histórias, proporcionando o desenvolvimento de círculos de cultura e arte em instituições escolares e não-escolares, além de envolver todos os agentes do processo de ensino e aprendizagem.

A experiência artística e literária proporcionada pelo Alforje de Histórias tem o poder de acionar e desenvolver dimensões do conhecimento, ativando mecanismos de criação, fruição, estesia, crítica, expressão e reflexão. O desenvolvimento de cada uma dessas dimensões no momento do Alforje de Histórias, possibilita a aprendizagem de saberes que surgem pelo contato e pela experimentação com os elementos que compõem a linguagem da Arte. Nesse contexto, nos referimos a tomada de novos caminhos através da crítica, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais e culturais.

O fazer artístico no Alforje, possibilita que os sujeitos envolvidos possam construir e reconstruir, a partir de uma intencionalidade investigativa, proposta pela narrativa literária, conferindo materialidade estética ao nosso corpo sensível, que é como bloquetes de sensações que hora afetam e são simultaneamente afetados. Entendemos que a experiência estética no alforje se apresenta como uma perspectiva pedagógica para a formação integral do sujeito, sendo este, sensível, criativo, afetivo, sociopolítico e multicultural.

No momento de ludicidade do alforje cada sujeito pode exteriorizar e manifestar-se através da criatividade subjetiva ou não, por meio de práticas individuais e/ou coletivas, materializando os saberes, causando deleite, prazer e até mesmo o estranhamento. Consolidando argumentos sobre as experiências e fruições, se percebendo como sujeito ativo, passivo e reflexivo numa relação continuada com produções artísticas, literárias e culturais.

A partir do momento em que se prepara a ambiência literária para dar início ao Alforje, o lúdico vai tomando forma nas cores, no cenário utilizado e no livro escolhido para ser compartilhado. A fruição ganha espaço e dialoga com a voz do narrador, com as imagens apresentadas na história. Há uma interação com o ritmo que é dado à leitura, com as pausas interrompidas para dar ênfase ao que é apresentado. Tudo isso faz parte do cabedal de recursos que temos e podemos criar no alforje, capazes de favorecer o mergulho imaginário de crianças e adultos.

Regina Machado, afirma que o contar histórias possibilita ao indivíduo ser protagonista, e que valores humanos fundamentais como a dignidade, a beleza, o amor e a possibilidade simbólica de nos tornarmos reais, permanecem vivos em algum lugar dentro de nós” (MACHADO, 2015, p. 55). Sua fala nos revela e justifica as sugestões de preparação e organização da narrativa de cada livro para o alforje.

Além de preparar o ambiente literário, é importante preparar o momento das “Interações”, lembramos que a leitura do texto literário ainda não foi realizada, estamos no caminho para esta próxima ação.

Interações são ações compartilhadas do professor com as crianças e das crianças entre si. Elas se dão em situações concretas por meio dos papéis que os parceiros vão assumindo nas situações (por exemplo, o papel de quem pergunta, de quem explica, de quem pede colo, de quem provoca riso etc.). (CEARÁ, 2012, p. 37).

É, portanto, no momento das interações que fica evidenciado que a aprendizagem por meio do Alforje de Histórias não acontece de forma isolada, pois é um processo que ocorre pela interação entre os sujeitos. E que precisa ser previamente planejado pelo mediador do Alforje. Depois de findado este momento que deve ser bastante interativo com os participantes e, também, precisa ter uma curta duração para não se tornar cansativo, finalmente, é realizada a leitura em voz alta, com o livro na mão.

Há um detalhe que precisa ser destacado, não devemos ler o livro e apresentar as imagens ao mesmo tempo, pois isso pode ser um fator dificultador, podendo tirar a atenção dos participantes para a audição da narrativa com apresentação do visual. Embora, muitos mediadores de leitura assumam essa

postura, não recomendamos para o alforje. Sugere-se que o mediador faça a leitura por completa do livro, em seguida, apresente as imagens.

Para concluir o Alforje de Histórias, temos o momento inspirado na metodologia de Paulo Freire, que é a ampliação dos campos de experiências dos participantes, através da organização do Círculos de Cultura. Nessa proposta, o mediador precisa promover vivências que ampliem o potencial empático dos apreciadores. Vivências que precisam ser lúdicas, se contrapondo ao didatizar, comumente utilizados nas práticas de linguagem, onde o foco não é arte de contar e contaminar pelo prazer.

Para desenvolver uma prática diferenciada na escola em que estava lotada como professora, iniciei o Alforje de Histórias não apenas com as minhas crianças, mas com todos os alunos, pois não podia deixar de oportunizar os demais estudantes, a participarem dessa vivência.

Foi então, que reunimos todos no pátio, logo após, termos preparado o ambiente físico, a caracterização/performance da mediação, pensamos qual seria a narrativa, e, com o livro na mão, no momento de acolhimento, apresentamos o contexto literário e fizemos o convite para conhecermos a trilha. Paramos o tempo, a partilha foi criativa e transformadora. Olhares atentos, a narrativa invadia cada um que se deixava envolver na experiência.

Quanto aos sujeitos envolvidos, os curiosos faziam antecipações, eram mais do que ouvintes ou espectadores, eram aprendentes em busca de possibilidades, experimentando novas formas de existir.

A partilha do Alforje de Histórias, ativa reflexões sobre o diálogo, a escuta, o silêncio e o acolhimento que o objeto chamado, Livro, carrega em sua existência. Ele traz consigo a magia do encantamento, rompendo os padrões da leitura convencional, suscitando o deleite em cada um que se deixa envolver durante a experiência.

Portanto, na sua singularidade, o Alforje de Histórias torna-se o elemento que amplia o capital cultural, artístico e intelectual dos pares envolvidos, contribuindo no fortalecimento de vínculos e engajamento com as narrativas, durante a viagem pelas fronteiras da literatura. De modo que torna-se plural, pois permite que díade da mediação e da intervenção possam harmonicamente ativar os mecanismos das

dimensões artísticas e formadora que o Alforje traz em seu formato.

Imagem 01: Alforje na EEF Idelzuite Tavares Carneiro



Fonte: Acervo da autora.

Imagem 02: Alforje de História-EEF Idelzuite Tavares Carneiro



Fonte: Acervo da autora.

Entendemos como importante que os professores de todos os anos

escolares da Escola de Ensino Fundamental Idelzuite Tavares Carneiro, campo de pesquisa, (re)conheçam a prática de narrar histórias como uma prática de leitura fundamental para a formação dos alunos enquanto leitores. Neste caso, o Alforje de Histórias se apresenta como uma possível estratégia. Todavia é indispensável que essa importância não fique só no discurso. Ela deve ser tecida no dia a dia escolar, ano após ano. De acordo com Abramovich:

A leitura que acontece por meio da contação, indicando que esta permite ao aluno sentir emoções importantes com os personagens, bem como conhecer e descobrir novos lugares e outros tempos que não são os seus. Isso por que a contação conduz os ouvintes, por exemplo, os alunos a fazerem uma leitura por meio da escuta, levando-os a pensar e a verem da imaginação. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17)

Sabemos que em uma proposta com essa riqueza, os sujeitos vão além de uma aprendizagem fragmentada na individualidade, pois a ampliação e exploração dos campos de experiências se concretizam em aprendizagens multimodais, assumindo um novo jeito de agir, sentir e pensar sobre o mundo que o cerca.

Ao conhecer e promover a Contação de Histórias através do Alforje, o mediador de leitura literária estará, juntamente com seu público, percorrendo trajetos e vivências inimagináveis que propiciam conhecimentos pelo universo singular e plural de cada sujeito e suas relações com o mundo que o cerca. Acreditamos que as experiências possam desenvolver habilidades para além da percepção, da observação, imaginação e sensibilidade, pois o trato com as competências socioemocionais se faz presente nessa proposta entrelaçada com as linguagens artísticas e com o lumiar da literatura.

Nessa perspectiva, se faz necessário que se reconheça, como também seja integrado aos momentos de contação de histórias, ou seja, no Alforje, um trabalho voltado para a proposição de uma escola que acolha as singularidades na pluralidade das relações entre professores e estudantes, fortalecendo os vínculos e criando laços para o enfrentamento de desafios propostos pela vida, de modo criativo e construtivo.

3 O EIXO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR: ÀS INFLUÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ACUMULADAS ATRAVÉS DO PAIC

O Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC) foi criado pelo governo do Estado do Ceará no ano de 2007, se comprometendo em oferecer ações de apoio à gestão municipal, com o intuito de garantir a aprendizagem das crianças, da Educação Infantil ao 2º ano do Ensino Fundamental, em todos os municípios do estado. Em 2011, as ações se estenderam até o 5º ano e, posteriormente, o programa foi intitulado como MAIS PAIC, o qual tem uma política de cooperação com todos os municípios do estado e cobertura completa até o 9º ano do Ensino Fundamental, estruturado em seis eixos fundamentais: Gestão Escolar, Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Avaliação Externa e Literatura e Formação de Leitores.

Considerando que todos os eixos do programa têm objetivos que contribuem para o fortalecimento dos Sistemas Municipais de Ensino do Ceará, bem como os resultados na aprendizagem de milhares de crianças e jovens. O eixo de Literatura e Formação do Leitor deveria ser o mais lúdico e encantador de todos. Afinal, ouvir histórias, especialmente durante a infância, proporciona situações de prazer e estímulo à imaginação. Entre outras sensações que contribuem para que as pessoas se interessem pelas histórias e, conseqüentemente, pelos livros. Pois, deve ser, além de tudo, um direito que não pode ser negado.

Toda criança tem o direito de aprender a ler e a viajar no universo das palavras que moram nos livros. Toda criança tem o direito de gastar os livros com suas impressões digitais e com as asas da imaginação. Toda criança tem o direito de brincar com as palavras, as histórias, as poesias, as fábulas, os contos. Toda criança tem o direito de crescer com os livros fazendo parte de sua vida e de sua história (SANTOS³, 2007, s/p).

Tudo isso, porque o livro é um instrumento de cidadania e de formação. Através dele podemos compor leituras do mundo e ampliar nossos horizontes, conhecimentos e a nossa capacidade crítica e inventiva. Daí a importância da democratização do acesso ao livro e à leitura como uma ação educativa

³ Disponível em: <<https://paic.seduc.ce.gov.br>>. Acesso em: 15 de Setembro de 2019.

fundamental na formação e no desenvolvimento das crianças. Quanto mais cedo o livro entrar na casa, no coração, na cabeça e na educação da criança, mais fácil será para ela, desenvolver as habilidades e as competências da leitura e da escrita (SANTOS, 2007, s/p).

Partindo dessa premissa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC) vem desenvolvendo o *Programa Alfabetização na Idade Certa* (PAIC) que tem como objetivo, garantir o sucesso da alfabetização de todas as crianças de 6 a 7 anos da rede pública de ensino. Para tanto, a SEDUC vem contribuindo para a estruturação da gestão municipal voltada, prioritariamente, para a construção e definição das metas de aprendizagem, subsidiando ações de qualificação do processo de alfabetização e da formação e valorização dos professores. Também está contribuindo para a constituição dos sistemas municipais de avaliação de aprendizagem, bem como, desenvolvendo ações de formação de professores e através da dinamização dos acervos de literatura infantil, implantando ações para a formação de leitores.

A partir do ano de 2011, o PAIC é ainda mais fortalecido e nasce, pela própria demanda da rede municipal de educação, o Paic+5, com ações, desta vez, implantadas até o 5º ano do Ensino Fundamental, onde o foco é o desenvolvimento de novas propostas curriculares para o ensino do Português e da Matemática, através das ações em gestão, avaliação e formação de leitores, como descritas acima.

Considerando o Eixo de Literatura Infantil e Formação do leitor, o *Programa Alfabetização na Idade Certa* tem como meta desenvolver uma política de formação de leitores (alunos e professores) e democratizar o acesso ao livro e à leitura por meio da aquisição e dinamização de acervos literários nas escolas, no sentido de despertar o interesse e o gosto pela leitura e pela escrita entre nossas crianças, como um prazer infinito, um instrumento de aprendizagem e como um alimento para o crescimento humano.

Como pode ser observado, o objetivo geral do eixo tem como proposta: “Assegurar o direito da criança ao desenvolvimento humano, à formação cultural e à inclusão social, com o acesso à literatura infantil, promovendo a aquisição, a distribuição e a dinamização de acervos” (CEARÁ/SEDUC, 2012, p. 45). Além disso,

o documento estabelece como objetivos específicos:

a) **Crianças**: Socializar acervos literários com a finalidade de despertar o interesse e o gosto pela leitura e escrita. Estimular a criação de ambientes favoráveis de leituras compartilhadas entre professores e alunos no ambiente escolar. b) **Educadores** (Professor, Diretor, Coordenador, Técnicos): Realizar a dinamização do acervo de literatura infantil para formadores, gestores e professores. Editar uma Revista contendo resenhas literárias, relatos de experiências, artigos e ensaios voltados para formação de leitores. Elaborar uma Agenda de uso diário, para distribuição entre educadores que tenha como foco a vida e obra de um(a) escritor(a) da Literatura Brasileira, como meio de promoção da cultura, do conhecimento e incentivo à leitura. (CEARÁ/SEDUC, 2012, p. 47).

O Eixo adotou para o desenvolvimento das práticas da leitura literária a ideia do Ciclo de Leitura que, por sua vez, é baseada no conceito de Círculo de Cultura, definido e trabalhado na teoria freiriana. Segundo Paulo Freire, o Círculo de Cultura, vai muito além do aprendizado individual de saber ler e escrever. Faz-se a leitura do mundo – as suas normas, as suas concretudes e os seus afetos. “No Círculo de Cultura, aprendem-se e se ensinam modos próprios, novos, solidários, coletivos, populares, de pensar e de agir diante do mundo”. E todos juntos aprenderão, de fase em fase, de palavra em palavra, de linguagens em linguagens (FREIRE, 1996 p. 34). Tendo como inspiração, o Círculo e Cultura, o Ciclo de Leitura do eixo, defende como aspectos indispensáveis para as práticas de leitura, os cinco pontos abaixo:

1º - A criança é considerada sujeito produtor de conhecimento. No Círculo de Cultura/Ciclo de Leitura, espaço democrático de valorização dos conhecimentos, as crianças e jovens são vistos como protagonistas, produtores e reprodutores dos conhecimentos acumulados na sociedade. Isso significa que a opinião deles são sempre significativas e relevantes para o processo de compreensão da leitura partilhada.

2º – O/A professor(a) é o(a) mediador(a) no Círculo de Cultura/Ciclo de Leitura. Na proposta dos Círculos de Cultura/Ciclo de Leitura, o(a) professor(a) tem a função de criar condições para que as crianças e jovens participem ativamente, expressando-se livremente. O/A professor(a) planejará este momento a partir de uma situação apresentada pelo/para o livro, antes ou depois de realizada a leitura. Pode ser uma pergunta, um trecho retirado do livro, uma página ilustrada ou uma inquietação que a obra provoque nos leitores.

3º - Ampliação dos campos de experiências. Dentro da metodologia do Círculo de Cultura/Ciclo de Leitura, a criança e o jovem amplia seus Campos de Experiências, através das discussões mediadas pelo(a) professor(a). Por isso é importante planejar questões que favoreçam a interação entre todos do grupo e que possibilite o contato com a diversidade cultural, privilegiando experiências concretas da vida cotidiana.

4º - A aprendizagem se dá no coletivo. Quando Freire afirma que “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam em comunhão” (2018, p. 71) ele está reiterando a importância do coletivo na construção e consolidação do conhecimento que se constrói nos Círculos de Culturas/Ciclo de Leitura.

5º - A leitura do mundo. A leitura literária em voz alta realizada por um (a) professor(a), com o objeto livro na mão simboliza e estimula a leitura da palavra. O debate no Círculo de Cultura/Ciclo de Leitura favorece a imersão das crianças no universo das palavras e amplia também a leitura do mundo com a interação, a reflexão e a transformação que a leitura literária é capaz de proporcionar em sala de aula (CEARÁ/SEDUC, 2012 p. 322).

A minha imersão nos Ciclos de Leitura MAIS PAIC tem me proporcionado uma série contínua de ciclos de promoção do livro e da leitura, constituídos por ações de compartilhamento de fruição literária, diálogos e leituras de mundo como meio de estímulo e fortalecimento do hábito da leitura entre os estudantes e entre membros de seu contexto social, visando a ampliação da formação e da competência leitora não só dos estudantes, como também dos professores e da comunidade escolar em geral.

O projeto começa com uma sensibilização para leitura em sala de aula, momento em que se propõe o Ciclo de Leitura MAIS PAIC. O Ciclo, propriamente dito, poderá se iniciar na sala de aula, na biblioteca (sala de leitura, conforme a realidade da escola), quando os alunos escolherão o livro da vez que desejarem ler. A ação da leitura literária se desenvolverá e culminará com a promoção de um evento literário mensal ou bimestral (sarau/mesa redonda/tribunal de júri, leituras dramáticas), que ocorrem sempre em um espaço acolhedor dentro ou fora da escola.

Enquanto facilitadora dessa proposta, se faz necessário que o(a) professor(a)-mediador(a) da leitura seja incluído nesse projeto e estabeleça a mediação propondo aos estudantes a escolha da sua leitura e, uma vez por semana e/ou em encontros quinzenais, será feito o encontro dos leitores para socializarem suas impressões da leitura, já concluída ou em processo (não há a necessidade de ler o mesmo livro. Em seguida, o(a) professor(a)-mediador(a) da leitura organizará, conforme a realidade da escola e de cada turma, núcleos de afinidades leitoras, empréstimos e trocas de livros, cineclubes literários, oficinas de leitura e de produção literária, grupos de estudo, encontro com autores, lançamentos de livros, saraus, contos dramatizados etc. Aos poucos, a intenção é deixar a iniciativa por

parte dos alunos, embora sob orientação e acompanhamento do(a) mediador(a).

A existência do ciclo se faz necessária, porque ler em grupo estimula e multiplica leituras, impulsiona a pensar mais sobre o texto lido e aprofunda as interpretações, potencializa a escola como um espaço comunitário de convivência, propício à leitura, ao diálogo e ao aprendizado estético, onde crianças, jovens e adultos frequentam com prazer. É uma oportunidade de socializar ideias e sentimentos proporcionados pela leitura, seja de um breve texto ou de um livro.

Os encontros ou reuniões acontecem, via de regra, na sala de aula, conforme a realidade da escola, na biblioteca e no auditório da escola, conforme seja o tipo do encontro. Os encontros são realizados de acordo com o objetivo. Seguimos sempre uma sequência básica de organização, por exemplo: 1. Sensibilização para leitura; 2. Acompanhamento e leitura compartilhada, com o objetivo de colaborar e socializar o desenvolvimento da leitura de cada um; 3. Planejamento e ensaios do evento final do Ciclo de Leitura, com o objetivo de definir o conteúdo do evento final do Ciclo; 4. Evento literário de conclusão de um Ciclo com o objetivo de apresentar a um público amplo, o prazer de ler. Outras organizações, contendo diversos momentos poderão ser discutidas e elaboradas pelo grupo.

Os estudantes são tratados como leitores(as)-protagonistas do Ciclo de Leitura Mais Paic, os(as) professores(as) como leitores(as)-mediadores(as) e os demais integrantes da comunidade escolar, pais, técnicos(as) administrativos), como leitores(as)-convidados(as) especiais para o evento final do Ciclo de Leitura MAIS PAIC.

Quanto aos tipos e gêneros literários a serem lidos no Ciclo de Leitura, eles atendem às mais diversas variedades de temas, épocas e estilos. Os clássicos deverão ser lidos por sua importância universal e qualidade literária. Não há livro inacessível, o trabalho de sensibilização bem feito não só eliminará distâncias de temas e registros de estilo dos mais diversos períodos históricos, como os transformará em estímulo a mais para o prazer da leitura. Serão, portanto, objeto de leitura, livros e gêneros diversos, contemplando: clássicos da literatura nacional e universal; poesia, literatura de cordel; crônicas; contos; histórias em quadrinhos; literatura de ficção e fantástica. O acervo poderá ser o do MAIS PAIC, o do

Programa Nacional Biblioteca Escolar (PNBE), que é distribuído pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), além de acervos adquiridos pelas secretarias de educação ou, então, de materiais adquiridos por meio de doações.

Nesse sentido, vale ressaltar que a Base Nacional Comum Curricular (2018) dialoga com a proposta do Alforje de Histórias:

- ✓ O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: **fruição estética de textos e obras literárias**; (...) ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BNCC, 2018, p. 67 - Item 4.1.1).
- ✓ Identificar e analisar efeitos de sentido decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis. (BNCC, 2018, p. 75 - Item 4.1.1).
- ✓ Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BNCC, 2018, p. 83 - Item 4.1.1).
- ✓ Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade. (BNCC, 2018, p. 93 - Item 4.1.1.1).

Para uma melhor articulação dos caminhos rumo à uma educação que assegure aprendizagens essenciais e indispensáveis, o estado do Ceará construiu um documento norteador, alinhado a Base Nacional Comum Curricular, trata-se do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC)⁴, elaborado em regime de colaboração dos municípios do estado, visando a equidade e o direito de aprender na idade certa.

O Alforje de Histórias sob o prisma do Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), aponta para a necessidade de se tornar efetivo, não apenas no quadro organizador do documento para cada componente curricular, onde estão distribuídos as Unidades Temáticas, Objeto de Conhecimento, Objetos Específicos,

⁴ É constituído por diretrizes e linhas de ação básicas que configuram o Projeto Curricular do Estado do Ceará. Contamos com todos para torná-lo realidade na sala de aula, por meio das instituições educacionais cearenses públicas e privadas, de forma a assegurar o direito de aprender das/dos estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental — anos iniciais e finais.

as Habilidades codificadas, as Relações dessas habilidades dentro do próprio componente ou entre outros componentes e, por fim, as Competências Específicas.

Estando ancorado na BNCC, o DCRC propõe, ainda que

[...] a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do(da) estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (BRASIL, 2017, p. 15).

De acordo com o Componente Curricular de Arte, além das linguagens artísticas: Dança, Música, Teatro e Artes Visuais serem situados como Unidades Temáticas, as Artes Integradoras podem alocar o Alforje de Histórias, como Objeto de Conhecimento, que pode ser entendido como uma espécie de conteúdos, conceitos e processos que se reverberam em Objetos Específicos e Habilidades para todos os anos/séries do Ensino Fundamental e Educação Infantil.

Nessa perspectiva, é preciso destacar algumas Competências Gerais da BNCC que dialoguem com esse Objeto de Conhecimento, que é o Alforje de Histórias. Dando um maior destaque à **Competência 3. Repertório Cultural** — Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. **Competência 9. Empatia e Cooperação** — Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Dando destaque à essas Competências Gerais, acreditamos na consolidação do Alforje no currículo escolar, pois dá condição para que possam ser desenvolvidas habilidades específicas dentro do componente curricular de Arte, como também a sua inter-relação com outros componentes da área de linguagem e humanas.

3.1 Os Campos de Experiências

É na vivência do alforje de histórias que as crianças e os jovens ampliam

os campos de experiências. Termo trazido em alguns documentos oficiais que significa as vivências nas quais as crianças podem expressar-se e interagir com situações que permitem exploração, pesquisa, imaginação, expressão, movimento, entre outros. Ou seja, trata-se de um olhar voltado para a infância, contemplando os campos: Eu e o Outro; Corpo e Movimento/ Imagens, Sons e Cores/ Discursos e Palavras (BRASIL, 2018).

A dinâmica do Alforje de Histórias tem a capacidade de nutrir a curiosidade infanto-juvenil a partir de cada mediação proposta pelo contato com outras linguagens da arte que dialogue com o texto literário. Observo ainda que esses campos não são estanques, mas que se articulam de diferentes formas e, acontecem dentro do universo infantil, através de seus interesses. Por essa razão, o alforje favorece a fala da criança, a partilha, o diálogo intertextual proposto pelo manuseio de outras linguagens artísticas.

Imagem 03: Alforje de Histórias na Escola São Sebastião. Zona rural. Distrito de Amarelas



Fonte: Acervo da autora.

Deste modo, temos como bases de sustentação do Alforje de Histórias os elementos que enriquecem a oralização e mediação do texto literário, as técnicas utilizadas, entre elas, a meu ver a mais significativa, que é a leitura feita em voz alta com o livro na mão, os campos de experiências e o círculo de cultura freireano.

3.2 Um olhar para a Intervenção

Nesse processo de mediação, uma primeira decisão a ser tomada é a seleção da narrativa, que texto será lido pelo mediador literário. Como proceder nessa escolha do texto literário? Apresentamos algumas possibilidades que se ajustam nesse momento, são elas: as afinidades estéticas do professor/mediador; as preferências apresentadas, ou seja, o gosto das crianças; e o conhecimento do acervo literário que o público-alvo têm acesso na escola ou fora dela.

É necessário compreendermos que na escola, a leitura acontece com diferentes objetivos. Contudo, quando se trata da literatura, é bom lembrar que eles podem ir além dos mais pragmáticos, tendo por finalidade se constituir uma “experiência formativa” (LARROSA, 1998) e como oportunidade de acesso a um produto cultural que tenha valor artístico. Portanto, é imprescindível que o mediador faça uma avaliação prévia de suas próprias exigências estéticas enquanto leitor, refletindo sobre a obra de modo geral (texto, contexto e visual), tem potencial para ser recebida pelo leitor como algo que “afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 24).

Um dos critérios para que as leituras do mediador passem a se constituir uma referência para os ouvintes/leitores, é importante que ele tenha clareza sobre o seus interesses, gostos e, de modo especial, seus acervos pessoais de leitura. Isso pode até parecer uma tarefa simples, mas não é. A realidade encontrada no campo de pesquisa é que a maioria dos professores não haviam construído ainda, o hábito e o gosto de ler por deleite, ou seja, não dispunha de uma certa afinidade com a leitura literária, a ponto de construir um acervo pessoal. Nos deparamos, portanto, com uma pedra no caminho do Alforje de Histórias, parafraseando, nesse cenário, o poeta Carlos Drummond. Sendo assim, foi necessário primeiro construir com os mediadores de leitura literária um senso de pertencimento, de plantação e cultivo dessas narrativas, partindo dos gêneros literários que mais tocam a sensibilidade do professor como leitor. Mas, como isso aconteceu? Foi através dos momentos da formação para o Alforje de Histórias, preparados conforme cada realidade apresentada para cada público-alvo, um objetivo a ser alcançado. Contudo, ao

considerar os aspectos que deram origem a tríade para o Alforje: Ambiência Literária - Interações - Ampliação dos Campos de Experiências.

A experiência na mediação formativa constatou que não seria uma tarefa tão simples, a construção de acervos pessoais de leitura dos professores, futuros mediadores. Tendo em vista diferentes fatores como, por exemplo: a descoberta do novo, a desmotivação, o excesso da jornada de trabalho e, até mesmo, a dificuldade de ter acesso ao livro físico, elemento indispensável nesse trabalho. Entretanto, as audições e depoimentos dos participantes suscitaram um realinhamento no ciclo formativo, fazendo com que a experiência fosse uma conquista individual e necessária para o crescimento pessoal e profissional dos professores, pois não carregariam mais o título de excluídos da vivência de leitores literários.

Deste modo, após se apropriarem de seus acervos pessoais, os professores trataram de traçar na escola uma espécie de perfil do leitor, ouvindo as crianças e os adolescentes, eles puderam perceber em seu contexto atual, que a instituição escolar é a principal responsável por influenciar na formação de leitores literários. E, que era preciso fazer mais para que fosse consolidado indicadores positivos nesse eixo. Tendo em vista, que a grande preocupação da escola é com o desempenho quantitativo nas avaliações externas e de larga escala.

Uma evidência que precisa ser oportunizada com os estudantes é a interação livre com livros e textos literários no processo de formação escolar. Nesse sentido, a dinâmica do Alforje de Histórias se apresenta como elemento de ligação nessa construção, desencadeando reflexões, antes, durante e depois de cada narrativa. Nesse sentido, o professor precisa ser vigilante, evitando ações e reações dos estudantes que venha a prejudicar esse momento de magia e encantamento. Pois, o ato de contar e ouvir histórias deve impregnar em todos os sentidos, de modo a tornar-se único e, ao mesmo tempo, plural.

Para contribuir nesse conhecimento, sugerimos narrativas específicas para cada público ouvinte. Para as crianças, recomendamos gêneros textuais que sejam familiares e que apresentem uma temática do interesse delas, onde os personagens sejam animais, crianças, seres fantásticos, para que elas se encontrem neles. É importante que essa narrativa desperte a curiosidade dos pequenos infantes, trazendo suspense, humor e uma pitadinha de terror. Podemos encontrar o

gosto das crianças em lendas, fábulas, mitos e contos. Então, é preciso que o professor se aproprie do acervo da escola onde trabalha, assegurando aos estudantes o acesso a um repertório diversificado de gêneros literários. Para isso, ele deve estar atento na identificação e indicação de bons textos literários, possibilitando as interações e ampliação dos campos de experiências do leitor-ouvinte. Portanto, essa literatura deve estar carregada de significados que venham atender às exigências estéticas de cada faixa etária.

Acreditamos que os pontos destacados no procedimento metodológico para o Alforje de Histórias, nos leva a uma reflexão que deve ser acompanhada de uma virada conceitual que, de certa forma, agora, vem naturalmente acontecendo, a partir da gênese desse trabalho. Isto é, o professor deixa de ser tratado como um mero “leitor de textos” para se posicionar como um mediador de leitura literária.

No que diz respeito à noção de “mediação” e sua importância no Alforje de Histórias, apresenta-se uma ideia ligada ao campo da mediação, numa perspectiva global de conflito e sucesso, ou seja, a figura do mediador está entre o problema e a solução dele. Por outro lado, entendemos o mediador como alguém que ajuda outra pessoa na construção de uma dada atividade ou acontecimento em sua vida, na qual precise de uma intervenção. Já, no contexto educacional, a partir do entendimento vygotskiano a respeito da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o professor, com o olhar de mediador deve atuar junto aos estudantes para que eles possam avançar daquilo que pode fazer sozinho, que é a Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), para aquilo que ela precisa alcançar com a ajuda dele, ou seja, com a intervenção do professor, que agora é mais que isso, é uma agente facilitador da aprendizagem. Em suma, a mediação, tendo como princípio esse olhar, surge como um processo de construção de saberes, de interações, para facilitar a aprendizagem e a vivência artístico-literária.

Essa possibilidade de alteração no desempenho de uma pessoa pela interferência de outra é fundamental na teoria de Vigotski. Em primeiro lugar porque representa, de fato, um momento do desenvolvimento: não é qualquer indivíduo que pode, a partir da ajuda de outro, realizar qualquer tarefa. Isto é, a capacidade de se beneficiar de uma colaboração de outra pessoa vai ocorrer num certo nível de desenvolvimento, mas não antes. (OLIVEIRA, 1997, p. 59)

O professor-mediador que estiver bem preparado, saberá como conduzir o Alforje de Histórias, provocando o desequilíbrio no modo de pensar sobre a narrativa apreciada, encaminhando o aprendiz em interações de aprendizagem focal, avançando em uma nova e mais elaborada ampliação dos campos de experiências. Na teoria sócio-histórica de Vygotsky podemos encontrar um relato a respeito da mediação, ou seja, a intervenção bem-sucedida: “o professor trabalhando com o aluno explicou, deu informações, questionou, corrigiu o aluno e o fez explicar” (VYGOTSKY *apud* MOYSÉS, 2014, p. 36).

3.3 As Vivências na Contação de Histórias

A experiência com as oficinas literárias de contação de histórias começou bem antes do Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC). Como professora de Língua Portuguesa e Arte, sabia que seria possível fazer com que as crianças e os adolescentes, meus pupilos, tomassem gosto pela leitura literária, assim como eu. Porém era preciso que esse oxigênio literário fosse respirado por mais estudantes e professores, meus colegas de trabalho na escola. Numa abordagem interdisciplinar e recheada de ideias, que refutavam o tratamento tradicional dado à leitura de livros literários, dei o pontapé inicial nessa experiência com a arte de contar. Foi a partir desse desejo que começamos a experienciar juntos durante os momentos de planejamento. Nasceram daí as oficinas de contação de histórias. Uma proposta tímida que chegou despertando curiosidade entre os que se deixaram contaminar e envolver.

Já o Alforje de Histórias, teve início no ano de 2017 quando recebi a proposta para ser professora-formadora do Eixo Ensino Fundamental no município de Camocim, no eixo integrado ao de literatura e formação do leitor do programa MAIS PAIC. Foi quando percebi a importância do universo literário na formação plena do Ser. Eu participava de momentos de formação promovidos pela Secretaria de Educação do Estado que deveriam ser replicados junto com os professores do município. Entretanto, não se dava ênfase na questão da literatura, pois o destaque era para a leitura e compreensão do texto e as matrizes de referência das avaliações externas. Apesar da existência de uma proposta para a literatura, a

preocupação era com os resultados de proficiência em leitura e escrita dos estudantes. Foi nesse momento que resolvi fazer um trabalho diferenciado com o grupo de docentes aos quais dava formação mensalmente. Eram aproximadamente quarenta professores da rede pública municipal de ensino de Camocim, lotados no 4º ano do Ensino Fundamental.

Como não se tinha uma grande exigência com as avaliações externas, o trabalho com o Alforje de histórias tornou-se bem mais atrativo e significativo, pelo menos para as crianças. Entretanto, para os professores era algo que causava um pouco de desconforto ou, até mesmo, insegurança no trato com as técnicas a serem utilizadas. Apesar da Contação de Histórias ser uma tradição milenar, naquele momento era como se fosse novo, o Alforje fazia parte na rotina didática dos professores. Penso que poderia ser, também, a falta de crença na arte de contar, envolvendo questões do tipo: para que serve mesmo esse Alforje? Qual a sua importância para a aprendizagem das crianças? É preciso mesmo seguir todas estas etapas para o momento da contação? Muitas perguntas precisavam ser sanadas na prática, na partilha com as crianças.

Ainda no mesmo ano, recebi o convite para ministrar uma disciplina numa turma de estudantes universitários do curso de licenciatura em Música, oferecido pelo Instituto Fênix. Tratava-se da disciplina de Folclore Musical. Na ocasião, realizei com os estudantes uma oficina de contação de histórias, a partir das narrativas de tradição oral sobre o nosso folclore nordestino regado a muita musicalização e teatro. E, no encerramento da disciplina, preparamos um Show Folclórico Musical, no qual tivemos como público-alvo as crianças, já que estávamos, coincidentemente, em outubro, na semana da criança. O evento aconteceu em um auditório do Núcleo de Arte, Educação e Cultura do meu município, Camocim.

Imagem 04: Alforje de Histórias na entrega dos Kits escolares da Rede Pública.



Fonte: Acervo da autora

Em 2018, seguia ainda como professora-formadora do programa MAIS PAIC, no qual permaneço até os dias atuais. Onde o alforje de histórias ia se tornando cada vez mais sólido, ganhando expressividade pela gestão do eixo de literatura e formação do leitor pelos formadores estaduais, no que diz respeito à fundamentação teórica, entretanto, na prática precisava ser um instrumento de envolvimento artístico e literário, precisando ser vivido pelos professores e estudantes da Educação Básica.

No decorrer do ano passado, o meu jeito plural de “encher” o alforje e contar histórias foi tornando-se popular e agradando muita gente. E com um grupo de amigas e amantes da narrativa literária, levamos o alforje às praças da cidade, pelo menos uma vez por semana. Em pouco tempo, as árvores da pracinha davam frutos diferentes, pois os livros eram pendurados e as crianças escolhiam os livros e as histórias que queriam ouvir. Os adultos que acompanhavam as crianças se sentiam crianças também, mergulhavam nas profundezas da literatura, motivadas pela arte de contar. Os transeuntes passavam, mas expressavam um olhar de curiosidade, davam aquela paradinha para provar daquele alimento literário. E, quando já se aproximava o fim da contação, as crianças eufóricas perguntavam quando iríamos voltar, ali mesmo agendávamos o próximo encontro.

Foi a convite do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *Campus Camocim*, que ministrei uma formação sobre contação de histórias para os acadêmicos do curso de Letras da referida instituição. O Alforje foi

aberto, as orientações foram dadas e a mediação aconteceu fluentemente. Os estudantes da instituição apresentaram suas inquietudes a respeito do que seria o Alforje e sua importância na formação plena das crianças e dos jovens matriculados na Escola de Ensino Fundamental Idelzuite Tavares Carneiro. É importante salientar que as duas instituições de ensino são praticamente vizinhas, situando-se no mesmo bairro: Jardim das Oliveiras. É válido destacar a parceria que o Instituto Federal tem junto à escola, que vai desde a imersão de estudantes-estagiários à atividades de caráter recreativo, esportivo e social. E, para concluir a formação, promovemos um circuito de narração de histórias para as crianças do bairro, onde os agentes de leitura possam seguir caminhos que levem à leitura por fruição, por desejo e pelo prazer.

Imagem 05: Ambiência para o Alforje e Formação sobre o Alforje no IFCE-Camocim



Fonte: Acervo da autora.

Nesse ano de 2019, novas experiências foram compartilhadas, posso citar, por exemplo: a mediação do Círculo de Leitura na Escola Profissional Monsenhor Expedito da Silveira, com os jovens que cursam o Ensino Médio. O Alforje foi a narrativa do clássico universal de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe. Momento de partilha e aprendizagem com os Campos de Experiências

proporcionados pela arte de contar histórias. Além do encantamento pessoal e interpessoal, o círculo de leitura, o qual prefiro chamar de Alforje, aproxima o leitor-ouvinte de um universo de informação e entretenimento, entre outros suportes de leitura, principalmente, incentiva o gosto pela literatura e a aproximação com o objeto livro. Vale lembrar que, os jovens do Ensino Médio estão sendo preparados para a universidade, ou seja, para o Ensino Superior, se perdendo um pouco a leitura para o deleite nessa etapa. Essa vivência foi base, para que a instituição escolar refletisse sobre o seu papel na dimensão da formação de leitores literários. E, como esse momento proporcionou engajamento entre os estudantes e seus professores. A dinâmica utilizada demarcou caminhos para as próximas experiências com a contação de histórias, que até então era vista como uma atividade voltada ao público infantil. Portanto, o Alforje é recebido como um instrumento que evoca as emoções, que promove o relaxamento numa viagem a bordo do livro como objeto de conhecimento e fantasia.

Imagem 06: Alforje/Interações com os estudantes do Ensino Médio



Fonte: Acervo da autora.

Em março, preparei uma personagem especial para o Alforje, com os jovens da melhor idade, do Centro de Convivência dos Idosos. Me performei numa boneca para contar as histórias e abrir o portal para os senhores e as senhoras presentes, a Flor, esse era o nome dela. Pois, o bom desempenho da performance do contador de histórias estará condicionado ao modo como ele se prepara para

aquele momento. Uma oportunidade ímpar de todas as que já pude experienciar.

Os idosos se comportaram como crianças, porém detentores de suprema sabedoria. Enquanto narrava cada história foi possível penetrar em cada olhar observador. E como foi prazeroso fazer isso, nada de sentimento invasivo, pelo contrário, de completude e aprendizagem. Um mergulho no mais íntimo de cada um e cada uma que estava ali, naquele Alforje. Foi uma abordagem diferente, tive que fazer adaptações em algumas histórias que seriam contadas, preparar um repertório que causasse encantamento, principalmente para aqueles que nunca tiveram a oportunidade de lhe ser contada uma história. Houve estudo, memorização de algumas obras, apropriação de alguns elementos da intenção da narrativa como, gestos, entonação e pausas. O ensaio para o momento do Alforje é indispensável, explorar o espelho, para visualizar suas expressões cênicas, gravar com o aparelho celular também foi uma boa opção. Isso tudo nos faz ganhar confiança, principalmente quando o público-alvo é a pessoa idosa.

Enfim, a experiência do Alforje de Histórias no Centro de Convivência do Idoso foi animadora e contagiosa. Pois a cada história lida, com o livro na mão ou contada de memória, o público interagia positivamente. O ar estava tomado pelo oxigênio do amor e da magia. O alimento naquele momento era a narrativa apreciada em cada detalhe. Houve uma doação recíproca e verdadeira entre os pares. O relógio parecia ter parado, o Alforje parecia não ter fim. E talvez não tenha mesmo. Somente, quando voltamos ao mundo real, ninguém estava enfadado em meio ao calor que fazia no ambiente em que estávamos. O público presente, queria descobrir quem era aquela boneca falante que carregava um Alforje cheio de histórias pra contar. naquele momento, foi possível perceber como o vínculo já havia se firmado. Era oportuno marcar o nosso segundo encontro, uma espécie de Sarau literário, sugerido pelos donos da casa, onde eles se comprometeram a contar histórias, deixando um pouco o lugar de espectador-ouvinte, sendo, portanto, um contador.

Imagem 07: Alforje de Histórias no Centro de Convivência do Idoso (CCI)



Fonte: Acervo da autora.

Retomando a parceria na Secretaria de Ação Social e cidadania, recebi o convite para preparar uma formação para os mediadores do Programa MAIS INFÂNCIA, onde passamos 20 horas/aula estudando sobre a mediação de leitura, as intenções da narrativa na perspectiva da contação de histórias, o sentido do alforje, os campos de experiências, as técnicas envolvidas e pensadas a partir do livro escolhido para ser narrado. Ao concluir a formação, preparamos um espetáculo lítero-musical que batizamos de “Na Ciranda das Histórias, vamos todos Cirandar”, com data prevista para se apresentar em setembro, na semana de aniversário do município.

Na tentativa de fortalecer a arte de contar histórias em Camocim e multiplicar os narradores e mediadores de histórias, criei o grupo “CIRANDEIROS DE HISTÓRIAS”. O grupo teve sua gênese a partir das oficinas e encontros de alforje e reuniu amantes da literatura, da música, do teatro e da arte em geral. Formado por estudantes universitários e professores do Ensino Fundamental das redes pública e privada. Após os encontros de planejamento e amadurecimento, montamos um projeto e apresentamos a proposta a uma instituição de ensino privada que atua com crianças de Educação Infantil aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Deste modo, em meio às formações municipais com os professores das

séries iniciais do Ensino Fundamental, acompanhava a atuação dos educadores nos dias de alforje na sala de aula. Este tem destaque, semanalmente na rotina didática do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. E, logo no início do 2º semestre letivo deste ano, estive multiplicando um encontro de formação com os formadores municipais, meus colegas de ofício.

Imagem 08: Formação sobre o Alforje de histórias para os monitores do Programa MAIS INFÂNCIA



Fonte: Acervo da autora

Contudo, se faz necessário salientar que o Alforje de Histórias apareceu nos documentos da Secretaria de Educação do Estado do Ceará, de dentro das instituições escolares da rede pública municipal de ensino, nas séries/anos iniciais, para além dos muros das escolas públicas e espaços informais de letramento literário. Ganhando, portanto, outras proporções, talvez até mesmo inimagináveis. Pois, na tradicional semana de aniversário de 140 anos de emancipação política do município de Camocim, fizemos um Alforje de Histórias no paço municipal, onde foi contada a Lenda do Coró, do escritor Roberto Pires. Uma história de origem indígena que conta como se deu o povoamento de nossa cidade às margens do rio Coreauú. Sendo uma narrativa encantadora que muitos camocinenses, até aquele dia, desconheciam. Pois, foi uma forma genuína de mostrar que a mediação de leitura pode ser realizada nos mais diversos espaços e situações existentes, sejam eles, escolares e não-escolares.

Imagem 09: Alforje na Feirinha do Mar no Balaústre da cidade de Camocim-Ce



Fonte: Acervo da autora.

E foi nessa atmosfera diferenciada, que levamos o Alforje de Histórias à Feirinha do Mar, uma feira de artesãos de diferentes áreas que se encontram mensalmente na praça do Pier, a tradicional Pracinha do Amor de Camocim para apresentar seus produtos através da arte. São quinze expositores no total, um misto de empreendedorismo, gastronomia e arte. Desta feita, era outubro, mês dedicado às crianças. Preparamos a Ambiência Literária com esteiras de palha de carnaúba no chão, almofadas coloridas, livros, papel, lápis de cor e muitas histórias fizeram os pequenos infantes navegarem no mar da imaginação.

Imagem 10: Alforje Histórias na Praça da Matriz de Barroquinha-CE



Fonte: Acervo da autora

Finalizar um ciclo de Alforje de Histórias é se permitir deixar o portal mágico do universo imaginário, mesmo trazendo os ouvintes de volta à terra firme, o importante é a fruição da literatura, a estesia que ela proporciona numa cadência de estética e encantamento.

Assim, no ato de ler para que o outro escute, você, na posição de mediador, instaura um lugar para o portal das possibilidades, um caminho, aqui neste documento prefiro chamar de trilha. E que trilha é essa? “Um caminho de liberdade”, nas palavras de Maria Teresa Andruetto, autora e pesquisadora de literatura infantil. Nesse sentido, a escritora nos apresenta a ideia de leitura como revolução, como “Instrumento de intervenção sobre o mundo que nos permite pensar, tomar distância, refletir” (20017, p. 103). Considera também a leitura uma “possibilidade esplêndida para dar lugar a perguntas, à discussão, ao intercâmbio de percepções e à construção de um juízo próprio” (2017, p. 104).

Transportando essa ideia, na trilha do Alforje de Histórias, isso ganha mais notoriedade. Ler em voz alta, com o livro na mão, estar junto com outras pessoas, em uma ação que é individual e também coletiva, é ganhar força para novas possibilidades de se fazer existir, de agir, de pensar, de ousar. É transformador, o mundo gira e conspira a favor daquele que se deixa levar através do diálogo formativo e literário na construção da aprendizagem.

Portanto, criamos uma trilha literária para o Alforje, a partir do livro, como fonte inspiradora. De modo que, o mediador possa promover essa ação para os ouvintes, proporcionando uma imersão cheia de encantamento ao universo literário.

4 UM LIVRO, UMA TRILHA E UM ALFORJE DE HISTÓRIAS PARA CONTAR: APRESENTANDO UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Na linguagem do Alforje de Histórias, podemos, e muito bem, estabelecer nossa forma de contação, tendo em vista as orientações e estratégias a seguir, que servem de roteiro para caminharmos numa trilha ludopedagógica e literária, repleta de experiências de fruição e estesia nas interações promovidas pelo mediador de leitura literária, que também tem o papel de realizar as intervenções necessárias para que os ouvintes, participantes do Alforje possam, por meio dessa vivência, desenvolver habilidades no que diz respeito à formação humana. Seguiremos, juntos, num itinerário que envolve cinco obras literárias, na qual alguns desses autores(a) são escritores, artistas de Camocim. Uma forma de valorizar a literatura e a cultura local, como também, apresentar a obra de arte, que é o livro, aos sujeitos protagonistas dessa trilha, no Alforje de Histórias.

Sendo assim, está em suas mãos um material produzido com muito esmero e dedicação, com o objetivo de contribuir com a sua viagem no universo da escola, na tarefa de levá-lo à uma trilha de contação de histórias, num Alforje, cheinho delas, com um acervo proposto cautelosamente, trazendo autores diversos, entre eles, da literatura local. As propostas aqui apresentadas, nesta trilha, foram pensadas para o ambiente de sala de aula e seu entorno, de forma que a narrativa literária seja reconhecida como uma vivência encantadora, um tesouro artístico e cultural. Então, vem comigo!

Olá, pessoal, tudo bem?

Podemos tirar muitas surpresas da cartola, um coelho orelhudo, um gatinho macio e felpudo. Vamos tirar um livro e mergulhar nas profundezas da literatura e do encantamento? Ou, se preferir, no lombo do animal, você poderá trotar e cavalgar, carregando consigo um alforje a te animar.

É sobre o livro literário que iremos tratar. Ele é a Arte de Contar. Contar histórias para divertir, dormir, viajar, pensar, cativar e encantar. Com elas, abrimos um portal mágico para um universo místico e fantasioso que nos faz crescer e buscar novos caminhos, tendo um novo olhar para a vida e as oportunidades que ela nos oferece.

Dessas viagens o escritor Manoel de Barros nos disse: “Aprendi a gostar do equilíbrio sonoro das frases. Gostar quase até do cheiro das letras”. É isso! As palavras escritas com arte, dão um multicolorido à nossa vida, à nossa existência. Dão um sabor diferente, exalam um perfume indescritível, provocando as mais profundas sensações.

Tendo, portanto, um olhar específico sobre a mediação de leitura literária, voltada para o aspecto da fruição, da estesia e da ludicidade do texto literário, organizamos esta cartilha, com uma trilha do Alforje de Histórias, sugestões, isto é, um passo a passo a ser trabalhado, para se consolidar como uma proposta significativa, no trato com a mediação de histórias na escola ou fora dela. Pois, além de ampliar e/ ou complementar, cada encaminhamento ou sugestão dada, você poderá aplicar em outros títulos e acervos que não foram aqui contemplados, fazendo transposições artísticas e metodológicas, além das devidas adequações necessárias.

Essa trilha interativa foi inspirada, através do material “Eu Conto Contigo”, do Eixo de Literatura e Formação do Leitor, que é responsável pela coleção Paic Prosa e Poesia do Programa de Alfabetização da Idade Certa - MAIS PAIC. Percebendo que as contribuições do referido documento dialogavam com a proposta do Alforje de Histórias, mas que precisavam ser mais especificamente detalhadas, seguindo uma trilha interativa, na qual o mediador pudesse se ver no material, a ser trabalhado por ele mesmo.

E, foi assim, que preparamos cinco trilhas, a partir de um acervo literário de autores, em sua grande maioria, cidadãos camocinenses que artisticamente, com propriedade e talento nessa arte, contribuíram para o enriquecimento da literatura local. Então, para o seu melhor entendimento, pensamos em apresentar o detalhamento do momento do Alforje de Histórias, ou seja, a trilha sustentada pelo tripé: Ambiência Literária – Interações – Ampliação dos Campos de Experiências, que você deve seguir na mediação da leitura literária.

4.1 AMBIÊNCIA LITERÁRIA

É o momento de apresentação do contexto literário e do espaço a ser utilizado pelo mediador no momento da contação. É a porta de entrada para o Alforje de Histórias. O professor mediador apresenta a história, de modo que os apreciadores possam identificar o universo de referência do texto. Sendo também, um espaço convidativo para que o livro comece a ser apreciado, antes mesmo da narrativa em voz alta. Tudo é preparado antecipadamente, para ir além da predição do texto, é a anunciação, um prefixo a ser reconhecido por todos, como a hora de começar o Alforje.

Todas as ações devem ser pensadas estrategicamente. De modo que as propostas de oralização possam ser capazes de contribuir harmonicamente com o texto literário, com a intenção narrativa, por isso deve ser bem planejado. Uma espécie de rito é desencadeado. Sendo a voz, elemento fundamental, junto a articulação dos gestos, sem excessos, para não perder o foco na viagem literária.

Durante a leitura em voz alta, é importante cuidar das pausas que precisam ser feitas, para que os ouvintes possam inferir na narrativa. O ritmo e/ ou velocidade deve estar em acordo com toda a estrutura projetada para o Alforje de Histórias. Um clima coeso e coerente nesse ritual produzirá um acervo de significados que implicará numa atividade consciente, inserida em uma realidade imaginativa.

Para explicitar melhor, podemos dizer que, durante a narrativa se temos um trecho que se apresenta através de uma cena de agitação, a sua voz/ leitura deve ser rápida, em concordância com o que está sendo narrado. Se acaso for algo do tipo suspense, a leitura deve trazer essa característica. O uso de onomatopeias desperta e deixa mais criativo o ato da leitura. Se estiver falando de algo que deva ficar em segredo, leia cochichando. De modo que a mediação literária, ao passo que vai criando laços, fortalece o vínculo com o ouvinte e o ambiente de forma agradável e concreta.

É possível que esse momento possa ser preparado com a ajuda dos ouvintes, se houver essa possibilidade de envolvê-los, de algum modo, durante o processo inicial, com certeza dará um sabor à mais durante essa aventura literária.

Uma vez resolvi preparar um Alforje de Histórias para um grupo de crianças que sempre se reuniam para brincar na famosa pracinha do Coreto, um

espaço muito conhecido em Camocim, minha terra natal. Enquanto seus pais conversavam, elas corriam desenfreadamente, correndo risco de caírem, se machucarem ou ferir alguém. Então, numa tardezinha de sábado, preparei o repertório que eu tinha de melhor, histórias que pudessem envolver as crianças, ou melhor, atrair as crianças para aquela rede. Eu queria fisgá-las para junto de mim e dos livros, pois havia levado de casa muitos deles; comecei pendurando-os com cordões numa linda e frondosa castanholeira da praça. Sabia que no momento em que as crianças nos vissem ali, eu e os livros, elas iriam se juntar a nós. Foi o que aconteceu. Os pequenos infantes me ajudaram a arrumar o espaço, colocaram cordões nos livros e amarravam nas pontas dos galhos da árvore, deixando na altura em que pudessem manuseá-los. Naquele momento, eu havia jogado a isca e estava fisgando meus peixinhos para o deleite literário, sabendo que logo eles estariam de volta ao seu habitat natural.

Quando a árvore literária já estava pronta, apresentei alguns títulos e elas puderam escolher o que queriam ouvir. Lembro-me que na ocasião, as crianças escolheram o livro: Os três presentes mágicos do escritor Rogério Andrade Barbosa e ricamente ilustrado por Salmo Dansa. Acredito que o tamanho do livro e as ilustrações da capa chamaram a atenção delas. Penso que a imagem do tapete voador tenha despertado interesse das crianças. Naquele momento, tive a certeza de que já estávamos vivenciando a estratégia da Roda de Interações. Mas, ainda era o momento inicial e, coincidentemente ou não, estávamos sentados num grande tapete, que serviu de objeto fundamental no momento da narrativa. Sendo que o contexto apresentado, tratava-se de um conto de tradição africana envolvendo três presentes mágicos, eram eles: Um tapete, um espelho e uma rede de malha de aço inquebrantável. A narrativa tinha como personagens principais três irmãos aldeões que pretendiam casar-se com uma princesa que estava sendo enganada por um falso príncipe, que na verdade era um monstro disfarçado por um feitiço mágico. Depois dessa apresentação, que contava com alguns elementos, tais como: coroa, espelho, rede de pescar, essenciais para o momento da imersão literária, a leitura em voz foi anunciada por uma canção de repetição em coro; eu começava, elas repetiam, fazendo gestos e palmas. E, quando o comando de parada foi dado, todos

silenciaram para ouvir. Naquele momento, nada mais era importante, apenas o ambiente e tudo que fazia parte dele.

É importante ressaltar os olhares das crianças, cheios de curiosidades, cheios de luz. Em volta delas, estavam também os adultos que receberam o chamado e foram trazidos pelo vento para debaixo da árvore de livros e, sem precisar pedir licença, eram espectadores naquele ambiente.

Portanto, entendemos que é nesse momento que os apreciadores, sejam eles crianças, jovens ou adultos, encontram sustentação para a sua condição humana e para o seu crescimento individual e como sujeito de cultura em busca de novas formas de experienciar a vida.

4.2 INTERAÇÕES

São as ações compartilhadas do mediador com as crianças e das crianças entre si. Poderá ocorrer de forma planejada ou naturalmente, dependendo das circunstâncias propostas. Esse momento proporciona novos saberes, pois é o espaço da fala e da escuta. Além de ser espaço para a HORA DA LEITURA EM VOZ ALTA, de preferência, o mediador deve portar o livro em suas mãos, levando em consideração as intenções propostas na narrativa como: gestos, pausa, ritmo e entonação da fala que são ações exclusivas do narrador-mediador.

Sendo uma espécie de ponte entre a Ambiência Literária e a Ampliação dos Campos de Experiências, as Interações são dinâmicas que ocorrem durante a narrativa. No caso do Alforje da Árvore Literária, realizado na pracinha do Coreto, com a leitura do conto de literatura africana, tratava-se de um texto com um misto de suspense e ação. Então, tivemos algumas pausas durante a leitura, onde as crianças puderam participar. Elas levantavam a mão, dando sinal que queriam falar e contribuir com o autor. Percebi emoções e sentimentos de dor, raiva, satisfação, medo, alegria, tristeza e aflição em muitos dos ouvintes, pois o envolvimento com a leitura ia causando isso nelas. Era um momento de perceber como é que elas agiam e reagiam com essa carga de energia que ia sendo produzida.

Essa etapa também havia sido previamente planejada. O mediador de leitura literária, no momento da contação de histórias precisa lidar com as emoções

do público participante e de si mesmo. Nós ganhamos muito quando aprendemos a controlar e reconhecer nossos sentimentos. E, quando eles são partilhados num momento de interações com o livro, acaba sendo algo prazeroso e não um fardo pesado sobre nossos ombros. Ao passo que interrompia a leitura para as interações, sempre que era possível mostrava um objeto que trazia memórias correlatas, fazendo as provocações, mexendo no cesto do alforje. Elas tomavam a fala do narrador- mediador, criavam falas e ou cenas que estavam por vir. Quando acertavam de cheio as proposições, todos comemoravam com palmas e a história seguia. Foi assim, nessa díade de fala e escuta, que a etapa das interações foi concluída ativamente. Neste alforje, especificamente, o autor deixa o final da história nas mãos dos ouvintes. Ou seja, quem escolhe qual dos três irmãos vai se casar com a princesa: se é o irmão mais velho, dono do espelho mágico, que pôde ver o monstro disfarçado de príncipe para enganar a princesa; o irmão do meio que era o dono do tapete voador que chegou rapidamente no reino e impediu a realização do casamento ou; o irmão caçula, dono da rede de aço inquebrantável que capturou o impostor. A decisão estava nas mãos deles. Foi importante esse momento porque os adultos presentes cochichavam com as crianças, ajudando em sua decisão. Muitas dúvidas surgiram, indecisões, argumentos, prós e contras até chegarem ao veredito. Sabendo que só um dos irmãos podia se casar, as crianças, em suas falas, argumentaram suas respostas e tiveram seu momento de fala respeitados.

Finalmente, chegaram à conclusão de que como somente um irmão se casaria com a princesa, os outros dois heróis tinham que se casar com as irmãs da princesa que, naquele momento criado por elas, apareceram na história. Esse momento é muito produtivo, uma variedade de intenções e interações podem ser provocadas, desencadeadas, quando explorada de forma adequada e bem planejada.

4.3 AMPLIAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

Esse é o processo de culminância do Alforje, é a hora de abriremos o Círculo de Cultura e partilharmos saberes através do diálogo e das experiências de vida e do cotidiano escolar que cada um traz consigo. Nesse sentido, ao final de

cada Alforje, os Círculos de Cultura propiciam a consolidação da Contação de Histórias.

A partir da ampliação dos Campos de Experiência, por meio de cada ciclo vivido em cada Alforje de Histórias, potencializamos essa ferramenta de problematização, de críticas e reflexão sobre as literaturas apresentadas e as leituras de mundo que os sujeitos envolvidos carregam. Consideramos o compartilhamento das experiências como um movimento multifacetário, dialógico, dinâmico, participativo e democrático, de modo a contribuir para a formação integral do sujeito.

Esse momento, podemos também considerar como vivências inspiradoras e criativas que se distanciam do didatismo comumente utilizado do cotidiano da escola. Nessa proposta, envolvidos no círculo, podendo ser também chamado de “Mandala”, símbolo da totalidade, os participantes são acompanhados por um professor-mediador das discussões. Sendo, alguém com mais experiência, que participa também da atividade, na qual a aprendizagem é recíproca. Este, sempre provoca a participação do grupo e a escuta para uma melhor qualidade pedagógica do Círculo de Cultura no sentido de manter a permanência do diálogo.

É importante ressaltarmos, que na proposta do Alforje de Histórias os participantes vão muito além do aprendizado individual e coletivo, pois a vivência favorece o diálogo com o universo artístico e com o texto, fonte inesgotável de saber. Segundo Paulo Freire (1977), o diálogo é o encontro amoroso dos homens que mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. Acreditamos que essa contribuição freiriana no Círculo de Cultura é responsável diretamente, para que todos juntos possamos aprender, nos tornando mais do que sujeitos, seres de histórias, de palavras e ideias que são como uma espécie de “senhas”, responsáveis pela liberação automática de portas para vários mundos, até então, lugares inimagináveis.

A proposta desenvolvida teve sua fundamentação sustentada em autores que argumentam teoricamente o texto literário como fruição, o desenvolvimento do trabalho com as narrativas e, outros que discutem a questão da mediação individual e coletiva como uma proposta procedimental.

Na ocasião do Alforje na pracinha do Coreto, após a conclusão da história, chamamos a musiquinha que marca o final da leitura do livro. Cantamos em coro e, passamos para o próximo momento com algo mais livre. Trata-se da consolidação do momento anterior, não menos importante do que as demais estratégias. As crianças estavam tão envolvidas que quiseram fazer um teatro, encenando a história. Nessa hora elas contaram com a ajuda dos adultos, pegaram objetos que seriam mágicos, lápis de cores mágicas, cadernos e livros falantes, folhas de papel voadoras. Cada criança fala, a partir de seu objeto mágico. Fomos surpreendidos com uma criança que tinha um pirulito e disse que ele era mágico: quem chupasse o pirulito deixava de falar, ficaria mudo. Nessa hora, conversamos sobre o pirulito mágico. Seria higiênico o mesmo pirulito passando de boca em boca? Se alguém queria deixar de falar? E, como o garoto, dono do pirulito mágico, ainda estava falando? Então, o pirulito não era mágico, coisíssima nenhuma. Essas reflexões foram bastante significativas no momento do círculo. Conversamos sobre o que gostávamos de ganhar de presente, o que os presentes que recebemos significam para nós. E, o círculo só acabou quando já era noitinha. Parece que o tempo estava parado e passou tão despercebido. Para minha surpresa, após agradecer os participantes por aquele delicioso momento literário, as crianças perguntaram quando seria o próximo encontro e me ajudaram a desarrumar o espaço, pois era hora de partir. Quanto ao próximo encontro, disse que gosto de fazer surpresas e, logo apareceria novamente, carregando o Alforje de Histórias comigo.

Para finalizar, lembramos que esse documento pedagógico tem pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos que dialogam com as Concepções e Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular nas Modalidades da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Não, especificamente no contexto dos Componentes Curriculares de Língua Portuguesa e Arte, mas numa abordagem em relação ao texto literário e suas múltiplas dimensões.

Pensamos numa proposta, baseada no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) que está ancorado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com uma faixa etária sugestiva para cada trilha, destacando os componentes curriculares a serem trabalhados, as competências específicas e habilidades para

serem desenvolvidas, sendo elas, capazes de ressignificar as práticas de contação de Histórias na escola, permitindo que haja um avanço no sentido de termos um processo de ensino e aprendizagem interativo, em que professores(as) sejam mediadores de leitura literária e, estudantes sejam protagonistas na construção de um ambiente privilegiado para o diálogo na construção de conhecimento.

Numa caminhada que não te faz cansar, eu quero te convidar, vamos seguir essa trilha na arte de contar?

TRILHA 01

Título: Bel, o menino de Coração Selvagem.

Autor: Wagner David Rocha.

Ilustrações: Daniel Dias.



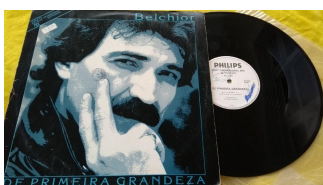
FAIXA ETÁRIA	9-10 anos
COMPONENTES CURRICULARES	Língua Portuguesa e Arte
CAMPOS DE ATUAÇÃO	Campo Artístico e Literário
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	<p>Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com a diversidade.</p> <p>Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como</p>

	formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
HABILIDADE	(EF12LP18) -Apreciar poemas e outros textos diversificados, observando rimas, sonoridade, jogo de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição.

AMBIÊNCIA LITERÁRIA

É uma biografia em versos de um grande compositor e cantor da música brasileira, o artista cearense Belchior. A temática abordada nos apresenta um pouco da vida e obra desse grande e imortal ícone da Música Popular Brasileira (MPB) do Nordeste. Portanto, planeje um espaço que suscite no ouvinte essa ideia. Que tal você preparar uma caixa mágica? Uma caixa bem colorida, dentro dela, você poderá colocar diferentes objetos que estejam correlatos com o contexto literário do livro. Numa parede, aplique algumas notas musicais e a fotografia do personagem principal da narrativa. De preferência, essa imagem deverá ser colorida e em caricatura, por se tratar de algo mais chamativo para o ouvinte.

INTERAÇÕES



Uma estratégia é fazer a predição do livro, a partir do título e objetos e/ou imagens que fazem referência à música. Em especial, a MPB. Você poderá mostrar instrumentos musicais de brinquedo, tais como, violão, flauta, além de recursos complementares como, por exemplo, o microfone, o rádio, o disco de vinil ou mesmo reproduzir imagens e apresentar para as

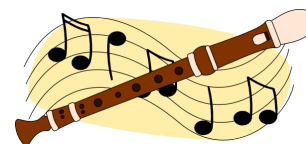


crianças (Uma dica é apresentar fotos do compositor ou imagens que remetem a linguagem musical). A ideia é preparar o momento para o que está por vir.

O mediador pode levantar questões como:

- O que os instrumentos musicais podem nos dizer?
- O que a sigla MPB representa para você?

Apresente a imagem de algumas notas musicais e levante questionamentos como, por exemplo: Você gosta de ouvir música? Qual seu tipo de música e cantor predileto?



Sugerimos que antes de começar a leitura em voz alta você apresente o vídeo⁵ da cantora Pitty, onde ela canta a música "Como nossos pais", obra do compositor sobralense Belchior.

AMPLIAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

Nesse momento do Círculo de Cultura, volte a conversar com as crianças sobre quais os sentimentos liberados durante a leitura da história. O que eles sentiram depois de conhecer um pouco sobre a vida do cantor? Se tem alguma semelhança com alguma história que eles conheçam? O porquê do livro possuir o título de "Coração Selvagem"?

Divida a turma em dois grupos e proponha a brincadeira "**QUAL É A MÚSICA?**" Cada grupo sugere uma palavra para o grupo adversário, onde eles deverão cantar uma música que tenha esta palavra em sua letra. Marca ponto, o grupo que cantar um trecho da canção. Vence a brincadeira o grupo que conseguir pontuar mais, cantando.

Você poderá, ainda, sugerir que em grupos menores,

acróstico

Composição em verso cujas letras iniciais (às vezes as mediais ou as finais), lidas no sentido vertical, formam uma ou mais palavras, que são o tema, (...)

[] Dicio.com.br

as crianças produzam um ACRÓSTICO, poema em sentido vertical, a partir da palavra-chave. Neste

ACRÓSTICO
BOA MÚSICA
ESPETACULAR
LIBERDADE
CANÇÕES
HARMONIA
INTELIGENTE
OUVIR MÚSICAS
RIQUEZA CULTURAL

caso, a palavra central sugerida é BELCHIOR. Conforme o modelo apresentado.

⁵ Material em vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4CnDmBa4P6o>>.

Mas não esqueça que as crianças já devem saber o que é um acróstico. Do contrário, explique sobre o que se trata e bom trabalho!

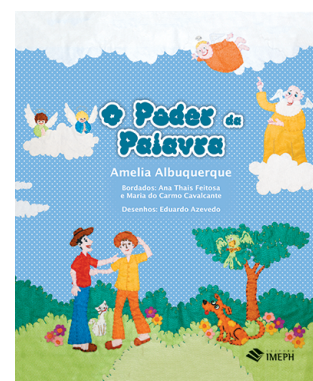
DICA: Distribua papel madeira ou similar e pincel para que, logo após a produção, os grupos possam expor suas produções em sala.

TRILHA 02

Título: O poder da palavra.

Autora: Amelia Albuquerque.

Ilustrações: Eduardo Azevedo.



FAIXA ETÁRIA	10-14 anos
COMPONENTE CURRICULAR	Língua Portuguesa
CAMPOS DE ATUAÇÃO	Campo Artístico e Literário
COMPETÊNCIA ESPECÍFICA	Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
HABILIDADE	(EF69LP49)- Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções

	<p>culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.</p>
--	---

AMBIÊNCIA LITERÁRIA

É um relato em versos de uma história de domínio público que nos mostra o poder da palavra e como ela pode contribuir com o sucesso e o insucesso dos seres humanos. A temática abordada nos faz refletir ainda, sobre nossos valores e atitudes. Você poderá preparar um espaço acolhedor, a partir das características próprias de seu grupo de aprendentes.

Sugerimos que o mediador prepare o ambiente com palavras-chave que estejam correlatas ao tema a ser tratado no livro. As palavras podem ser escritas em papel cartão e espalhadas na roda da contação de história. O professor(a) vai instigar os participantes sobre o que as palavras representam. De modo que os participante possam contribuir voluntariamente.

INTERAÇÕES

Uma estratégia é fazer a predição do livro. A partir do título e das imagens contidas nele, sugerimos perguntas tais como:

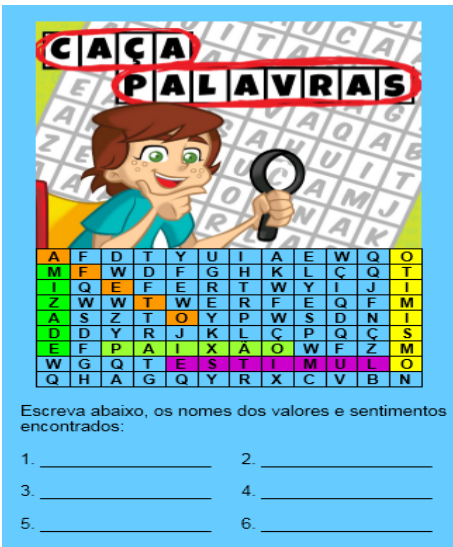
- Você já ouviu a expressão: “a palavra tem poder?” O que isso significa?
- Do que será que vai tratar esta história?
- O que os anjos têm a ver com a estória?

- Quem você pensa que são os dois homens na imagem da capa do livro?

É importante que antes de começar a leitura em voz alta você apresente o vídeo⁶ "Palavras de Bênção", de Márcio Todeschini. Em seguida, entregue a letra da canção. Pois, trata-se de uma canção que traz uma melodia aprazível que te faz entrar em imersão consigo mesmo. Tem uma letra melódica muito agradável, quanto ao refrão, fácil de memorizar e contagiar.

AMPLIAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

Nesse momento do Círculo de Cultura, volte a conversar com as crianças sobre quais os sentimentos liberados durante a leitura da história. Você poderá elaborar alguns questionamentos, previamente, ou simplesmente, deixar fluir na roda de conversa. Não precisa se preocupar com questões de compreensão e/ou inferência textual. A dinâmica aqui é acolhimento e partilha. Depois desse momento, você poderá dar início ao jogo.



Escreva abaixo, os nomes dos valores e sentimentos encontrados:

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

Você poderá brincar com o Bingo dos valores e sentimentos. Entregue cartelas e selecione um banco de palavras que representem valores e sentimentos para que as crianças escolham as suas palavras. Depois, comece o bingo. Vence quem preencher toda a cartela de palavras. Se desejar, produza um caça-palavras e/ou cruzadinhas com a mesma sistemática, usando palavras que despertem sentimentos e valores que precisam ser fortalecidos e reconstruídos pela humanidade.

DICA: Encerre o Alforje brincando com cantigas de roda populares⁷, onde cada participante tem a oportunidade de ficar no centro da roda para falar como está se sentindo naquele momento. A cada rodada, todos cantam em coro, somente quando

⁶ Material em vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lfu4SeEFAKM>>.

⁷ Sugestão: Se essa rua fosse minha, Alecrim, Peixe Vivo, A linda rosa juvenil, entre outras canções.

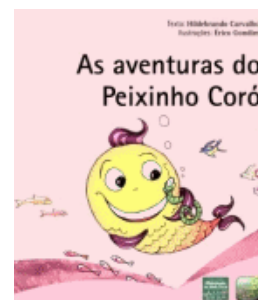
o mediador dar o comando para parar é que um(a) voluntário(a) entra no centro da roda e tem a sua vez de compartilhar seus pensamentos e reflexões. A grande roda representa também, o fortalecimento dos laços entre o grupo.

TRILHA 03

Título: As Aventuras do Peixinho Coró.

Autora: Hildebrando Carvalho.

Ilustrações: Érico Gondim.



FAIXA ETÁRIA	06-08 anos
COMPONENTES CURRICULARES	Língua Portuguesa/ Arte
CAMPOS DE ATUAÇÃO	Campo Artístico e Literário/ ArtesVisuais
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	<p>Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.</p> <p>Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como fenômeno cultural, histórico, social e sensível a</p>

	diferentes contextos e dialogar com a diversidade.
HABILIDADES	<p>(EF01LP26)- Identificar elementos na narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.</p> <p>(EF15AR04)- Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem etc), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.</p>

AMBIÊNCIA LITERÁRIA

É uma narrativa que nos apresenta um peixe chamado Coró, símbolo da cidade de Camocim, no Ceará. Uma aventura marítima vivida por um peixe e uma minhoca muito esperta. Que tal preparar o espaço do alforje com “cara” de fundo do mar? Sentados no chão, como se juntos estivessem numa ilha? É hora de começar!

Na preparação desse ambiente, o mediador poderá contar com a colaboração dos participantes na arrumação, disposição dos materiais sugestivos e motivadores para o alforje. Muitos materiais serão de grande utilidade e podem ser improvisados facilmente, como por exemplo, uma varinha de pescar, que poderá ser preparada com palito de churrasco, um cordão e um clip de metal aberto, para fazer de conta que é o anzol. Também poderá fazer parte do ambiente, um recipiente, se possível, transparente, com uma porção de água limpa, e alguns objetos descartáveis dentro, como se fosse o lixo que as pessoas sem consciência sustentável costumam descartar na praia, indo portanto, parar no fundo do mar. Esse momento tem um propósito no Alforje, para o momento da leitura da narrativa.

INTERAÇÕES



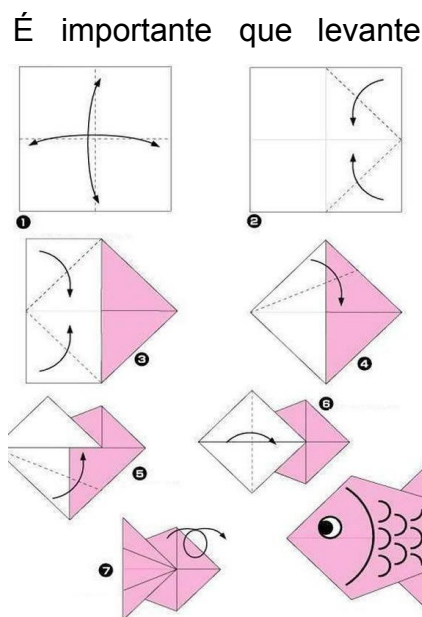
Você já preparou o ambiente? Então, agora é hora de cantar! Com a música “Peixe vivo”, em coro, vamos chamar a historinha? Se as crianças não souberem de cor, você poderá acessar o vídeo⁸ e colocar para tocar música e cantar com os alunos.

Agora sim, é hora da leitura em voz alta com o livro na mão. Não esqueça da intenção da narrativa: ritmo, pausa, gestos e entonação. Ah! Lembre-se de apresentar as imagens apenas depois de ter concluído a leitura. Pois, se você pensar em mostrar as imagens do livro, enquanto faz a leitura, correrá o risco de tirar a atenção das crianças para o foco narrativo. Faça, antecipadamente o combinado com os ouvintes, diga a eles que após a leitura você irá mostrar as imagens.

AMPLIAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

Esse é um momento muito esperado. É importante que levante questionamentos sobre a narrativa. No caso, sobre a esperteza da minhoca para não ser devorada. Pergunte sobre como foi a construção do laço de amizade entre o peixinho e a minhoca.

Logo após o momento de fala e da escuta, que tal construírem juntos ORIGAMI de peixes de diferentes espécies e colorido fantástico, é claro! Mãos à obra! Você, mediador do círculo, deverá seguir o passo a passo, conforme exemplo abaixo.



Material Necessário: Papel A4 branco ou color, giz de cera, lápis de cor, pincel colorido.

Se preferir, faça uma **PESCARIA**, parecida com aquela que tem nas festas juninas.

Como fazer: Prepare uma caixa de papelão decorada com areia ou raspas de madeira, peixinhos de papel cartão colorido, varinha de pescaria. Atenção: cada



⁸ Material em vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a6rT0x4ZSj4>>.

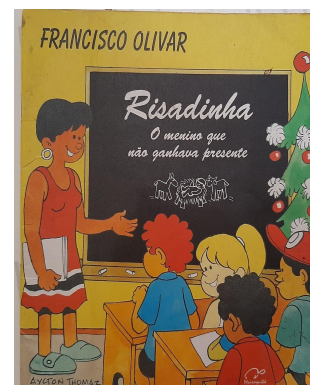
peixinho deverá conter frases sobre: amizade, respeito, solidariedade e amizade.

TRILHA 04

Título: Risadinha - o menino que não ganhava presente.

Autor: Francisco Olivar.

Ilustrações: Aylton Thomaz.



FAIXA ETÁRIA	10-12 anos
COMPONENTES CURRICULARES	Língua Portuguesa/ Arte
CAMPOS DE ATUAÇÃO	Campo Artístico e Literário/ Música
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	<p>Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.</p> <p>Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com a diversidade.</p>

HABILIDADES	<p>(EF01LP26)- Identificar elementos na narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.</p> <p>(EF69AR16)- Analisar criticamente, por meio de apreciação musical, usos e funções da música em seus contextos de produção e circulação, relacionando as práticas musicais às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, estética e ética.</p>

AMBIÊNCIA LITERÁRIA

A narrativa se passa na sala de aula da escola do garotinho chamado Risadinha. Era tempo de confraternização de natal e o menino que nunca ficava triste, nem de mal humor, não havia ganhado presente algum. Na volta da escola para casa tem uma descoberta fabulosa. Então, prepare um espaço bem envolvente para os ouvintes, se preferir, com caixinhas de presentes em volta de uma simbólica árvore de natal. Prepare cartões com palavras escritas, que sejam sentimentos e valores humanos, tais como: ALEGRIA, FÉ HUMILDADE, RESPEITO, GRATIDÃO, COMPANHEIRISMO, FRATERNIDADE e AMOR. Coloque-os pendurados na árvore, de modo que chame a atenção dos participantes.



INTERAÇÕES

Antes de começar a leitura da história o mediador pode levantar alguns questionamentos para os ouvintes e distribuir em tarjetas de papel cartão para que eles possam responder:

- Vocês gostam de ganhar presentes?



- Em que datas costumam ser presenteados?
- Quais os presentes que mais gostam de ganhar?
- Já pensou sobre o que sentem as pessoas que não ganham presentes?
Como será que elas se sentem?

Depois que todos os participantes concluírem suas respostas, peça que eles leiam em voz alta para o grupo. E, quando todos tiverem feito essa partilha, o mediador, poderá fazer a leitura da história em voz alta com o livro na mão ou, se não dispor do livro físico e souber a história de cor, poderá fazer o Alforje.

AMPLIAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS



Após a leitura em voz alta ou Contação da História, ainda em volta da árvore de presentes, converse com os ouvintes sobre os sonhos de cada um, sobre os sentimentos e os valores com base nas palavras dos cartões pendurados na árvore de natal. Depois dessa conversa, convide-os para a troca simbólica dos presentes, porque o verdadeiro presente é o que cada um tem de bom dentro de si para oferecer ao próximo. E, ainda na roda, encerre o Alforje de Histórias com o Abraço da Paz.

DICA: Para auxiliar na ambientação musical deste Alforje, você pode utilizar a música "Paz pela Paz"⁹, composição de Nando Cordel, a qual apresenta uma letra correlata com a narrativa da estória.

TRILHA 05

Título: O Sertão mora no meu coração.

Autor: Liduina Neide.

Ilustrações: Sara Ninja.



⁹ Material em vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DKQInRBq634->>.

FAIXA ETÁRIA	06-08 anos
COMPONENTES CURRICULARES	Língua Portuguesa/ Arte
CAMPOS DE ATUAÇÃO	Campo Artístico e Literário/ Música
COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS:	<p>Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.</p> <p>Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com a diversidade.</p>
HABILIDADES	<p>(EF12LP18)-Apreciar poemas e outros textos diversificados, observando rimas, sonoridade, jogo de palavras, reconhecendo seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento, jogo e fruição.</p> <p>(EF15AR13)- Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros</p>

de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

AMBIÊNCIA LITERÁRIA

O livro se apresenta em rimas e versos que relatam as memórias da infância de uma menina, quando passava as férias na casa dos avós que moravam no sertão.

Aproveite e crie um ambiente que materialize o lugar. Você poderá apresentar a lamparina e/ou candeeiro, uma fogueira

fictícia, toalha de chita ou xadrez, peneira e chapéus feitos de palhas de carnaúbas, milho, tapioca, mandioca e uma viola não pode faltar. Esses

elementos que representam a vida e as histórias do sertão poderão ser arrumados num espaço central, onde os ouvintes possam visualizar e manipular ao passo que a leitura vai sendo contada.



INTERAÇÕES

“Se a lua nasce por detrás
da verde mata, mais parece
um sol de prata prateando
a solidão. E a gente pega
na viola que ponteia e a
canção e a lua cheia a nos
nascer do coração”.
*Luar do Sertão- Catulo da
Paixão Cearense.*

“Mandacaru quando
fulora na seca
É o sinal que a chuva
chega no sertão
Toda menina que enjoa
da boneca
É sinal que o amor já
chegou no coração”.
*Xote das meninas- Luiz
Gonzaga*

“Quando olhei a terra
ardendo Igual fogueira de
São João
Eu perguntei a Deus do céu,
ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu,
ai
Por que tamanha judiação?”
Asa Branca- Luiz Gonzaga

Trechos de canções que retratam a vida no sertão. Por exemplo:

"Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha praquele balão multicolor
Como no céu vai sumindo".

*Olha pro céu- Luiz
Gonzaga*



"Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar".

*A morte do
Vaqueiro-
Luiz Gonzaga*



"Não posso respirar, não
posso mais nadar
A terra está morrendo, não
dá mais pra plantar
E se plantar não nasce, se
nascer não dá
Até pinga da boa é difícil de
encontrar".

*Xote Ecológico- Luiz
Gonzaga*



Depois de compartilhar os trechos das músicas, você poderá conversar um pouco sobre um dos principais expoentes da música nordestina, conhecido como o Rei do Baião, o grande Luiz Gonzaga. Conclua esse momento com a leitura em voz alta do livro. Não esqueça, para que esse momento cause nostalgia e fruição, é preciso que ele seja previamente planejado. Como trata-se de um poema, deve ser considerado o ritmo e a musicalização das rimas durante a leitura dos versos e das estrofes. Fazer um exercício vocal previamente é fundamental.



AMPLIAÇÃO DOS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS

Esse Alforje contou com um momento muito peculiar, no que diz respeito às interações. Portanto, para concluir, seria interessante propor aos participantes que ilustrem o sertão a eles apresentado. Prepare um grande painel em branco, feito de papel cartão a ser fixado numa parede, distribua pincel colorido e lápis de cor, de modo que todos possam se envolver na atividade. Escolha uma música temática e reproduza, servindo de fundo para provocar e inspirar. Essa etapa deve ter um tempo estimado de, no máximo, 10 minutos. Após concluído o painel coletivo, junte todos para o registro fotográfico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bom, agora que já foi apresentado o Alforje de Histórias como uma experiência que vai além da mediação literária, pois é uma proposta integradora e plural. Com ações diversificadas e pontuais, dirigidas a determinado público inseridos numa instituição escolar ou mesmo em outros espaços.

Com o Alforje, a arte de contar histórias ressurgiu como uma proposta pedagógica multimodal, dialogando com a formação do sujeito na busca pela sua formação plena. Pois além do encantamento que o Alforje de Histórias tem a capacidade de proporcionar, ele alcança o fascínio de juntar o leitor/ouvinte das narrativas ao mundo que o cerca.

Esta experiência teve origem no Eixo de Literatura e Formação do Leitor e tem uma vertente intensa de Formação Leitora para a infância. Tendo como pressupostos teóricos e legais, a Base Nacional Comum Curricular entre outros documentos estruturais de abrangência estadual como princípios norteadores que estruturam a proposta voltada, inicialmente, para a formação de professores-mediadores de leitura literária. Em seguida, ganhando uma dimensão maior, para além do universo escolar.

Nesse processo, pensamos num caminho diferenciado para o Alforje de Histórias fosse consolidado, dando espaço para as interações, a ambiência literária e a ampliação dos campos de experiência, constituindo uma experiência formativa e proativa nos sujeitos, por meio de uma Proposta Pedagógica, na qual fosse implementado um guia de dinamização para o Alforje de Histórias, contemplando um acervo de cinco livros, com alguns autores camocinenses, valorizando esses artistas da “terra do coró”.

Organizamos toda a trilha do Alforje, para ser percorrida pelo mediador de leitura literária e o público-alvo. Ela poderá ser seguida, harmonicamente, aos demais componentes curriculares. Porém, sugerimos que fosse criado um Objeto de Conhecimento específico para esse fim, dentro da Unidade Temática de Artes Integradoras, reconhecido no quadro organizador, junto às habilidades da Base Nacional Comum Curricular.

Por fim, como política nacional, a BNCC traz esse diálogo com a

proposta do Alforje de Histórias, não apenas para a Educação Infantil, mas para todo o Ensino Fundamental. Pois, ele vai se ajustando às diferentes faixas etárias e diversidades artísticas e culturais encontradas. Não perdendo o foco das dimensões do conhecimento, o Alforje vai ganhando forma, se consolidando numa ação formadora de prática artística no município de Camocim.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AMADO, Jorge. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ANDRUETTO, Maria Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

BENJAMIN, W. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 7 ed, 1994. p. 197-221.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CEARÁ, **Secretaria da Educação**. Documento Curricular Referencial do Ceará: Educação Infantil e Ensino Fundamental/ Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Fortaleza: SEDUC, 2019.

CEARÁ, **Secretaria da Educação**. Regime de colaboração para a garantia do direito à aprendizagem: o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) no Ceará / Secretaria da Educação, Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Fortaleza: SEDUC, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2018. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27. jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. 2002.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta. 2015.

MACHADO, Regina. **Acordais: Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

SANTOS, Fabiano dos. **Documento: Formação de leitores**. Fortaleza: SEDUC, 2007.

MOYSÉS, L. **Aplicações de Vigotski à Educação Matemática**. 11ª ed. Campinas: Papyrus, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vigotski e o processo de formação de conceitos. *In: Piaget, Vigotski, Wallon - Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.